



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À EDUCAÇÃO**

ALINE DA CRUZ PORTO SILVA

**MUSEU VIRTUAL DA HISTÓRIA E MEMÓRIA
DA COMUNIDADE SURDA:
O CONTEXTO E O PERCURSO DE CRIAÇÃO**

Salvador
2015

ALINE DA CRUZ PORTO SILVA

**MUSEU VIRTUAL DA HISTÓRIA E MEMÓRIA
DA COMUNIDADE SURDA:
O CONTEXTO E O PERCURSO DE CRIAÇÃO**

Memorial narrativo-descritivo apresentado ao Programa de Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Natanael Reis Bomfim.

Co-orientador: Professor Dr. Omar Barbosa Azevedo.

Salvador
2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jocélia Salmeiro Gomes – CRB:5/1111

Silva, Aline da Cruz Porto

Museu virtual da história e memória da comunidade surda : o contexto e o percurso de criação / Aline da Cruz Porto Silva –. Salvador, 2015.

86 f.

Orientador: Natanael Reis Bomfim

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologia Aplicada à Educação (GESTEC).

Contém referências.


1.Surdos - |Educação. 2. Língua de sinais. I. Bomfim, Natanael Reis. II. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologia Aplicada (GESTEC).

FOLHA DE APROVAÇÃO

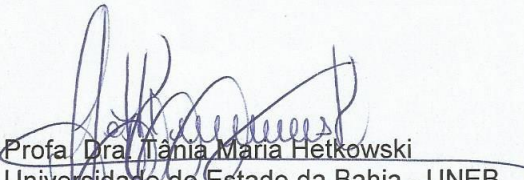
“MUSEU VIRTUAL DA HISTÓRIA E MEMÓRIA DA COMUNIDADE SURDA: POSSIBILIDADES DE MULTILETRAMENTOS PARA ALUNOS SURDOS”

ALINE DA CRUZ PORTO SILVA

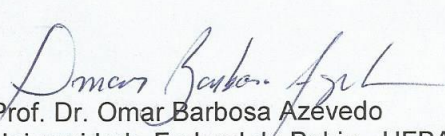
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Scripto sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração II – Processos Tecnológicos e Redes Sociais, em 16 de novembro de 2015, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Natanael Reis Bomfim
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Université du Québec à Montréal - UQAM/Canadá



Profa. Dra. Tânia Maria Hetkowski
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof. Dr. Omar Barbosa Azévedo
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Dedico este trabalho à Comunidade Surda por ter me acolhido e me permitido fazer parte deste universo.

Acredito que a educação é sim a possibilidade de transformação e empoderamento de todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, quero registrar meus agradecimentos, em primeiro lugar a Deus autor da vida, por me permitir viver, me fazendo participante do seu projeto eterno, que é ter na terra uma grande família de filhos semelhantes a Ele.

Aos Surdos, obrigada por me ensinarem sempre, este trabalho só foi possível pelo apoio de vocês, participantes engajados na Comunidade Surda baiana.

Ao Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pelo apoio, pela qualidade e comprometimento de todos os professores pesquisadores e funcionários.

Ao meu orientador Dr. Natanael Reis Bomfim, pela leveza nas orientações, bem como pelo apoio e pelo incentivo.

A professora Dra. Tânia Maria Hetkowski pelos ensinamentos, por acreditar na educação e pela sensibilidade de olhar as singularidades do educar com as diferenças.

À professora Dra. Desirée Begrow, obrigada pela doçura e delicadeza ao ler meu texto e escrever seu parecer para participar do meu exame de qualificação, bem como pela escuta e pelas orientações sugeridas.

Co-orientador professor Dr. Omar Barbosa Azevedo, por ter aceito compor minha banca de defesa e por me auxiliar no processo de revisão final deste memorial narrativo-descritivo.

Não posso jamais deixar de agradecer ao meu cúmplice de todas as horas, meu ajudante e parceiro, Roberto, e a Julia, minha filha, parte de mim, que tem me ensinando o que significa Amor Incondicional. Quero pedir desculpas a você Julia, pelas horas de ausência, obrigada por me ajudar a pensar como posso ser a melhor mãe que você precisa. Te Amo para sempre!

A Apada-Ba lugar referência na Educação de Surdos, onde iniciei minhas itinerâncias com a Comunidade Surda.

Aos professores e professoras, Surdos e ouvintes, bem como aos alunos Surdos da Apada-Ba, participações fundamentais na construção do Museu Virtual.

À minha mãe e aos meus irmãos. Como é bom ter vocês – FAMÍLIA!

Aos amigos e irmãos de alma, Marcelo, Patrícia e Cátia, como vocês são importantes para mim! Amo Vocês. Obrigada por acreditarem no meu projeto de vida!

Sabia-se que eram ostras felizes porque de dentro de suas conchas saía uma delicada melodia, música aquática, como se fosse um canto gregoriano, todas cantando a mesma música. Com uma exceção: de uma ostra solitária que fazia um solo solitário. Diferente da alegre música aquática, ela cantava um canto muito triste. As ostras felizes se riam dela e diziam: “Ela não sai da sua depressão...”. Não era depressão. Era dor. Pois um grão de areia havia entrado dentro da sua carne e doía, doía, doía. E ela não tinha jeito de se livrar dele, do grão de areia. Mas era possível livrar-se da dor. O seu corpo sabia que, para se livrar da dor que o grão de areia lhe provocava, em virtude de suas aspereza, arestas e pontas, bastava envolvê-lo com uma substância lisa, brilhante e redonda. Rubem Alves (2008 p.9).

As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos.
Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem...
O ato de ver não é coisa natural.
Precisa ser aprendido!
Rubem Alves (2005, p.22).

SILVA, Aline da Cruz Porto. **Museu virtual da história e memória da comunidade surda: o contexto e o percurso de criação.** 86f. il. 2015. Memorial narrativo-descritivo (Mestrado profissional) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2015.

RESUMO

O presente memorial narrativo-descritivo relata o processo de desenvolvimento de um museu virtual da história e memória da Comunidade Surda, que contou com a participação de alunos surdos, bem como de professores surdos e ouvintes vinculados à Escola Marizanda Dantas do Ensino Fundamental II. A Comunidade Surda tem a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua reconhecida por lei e regulamentada por decreto, ambos federais. Por essa razão, todo esse processo foi realizado utilizando uma metodologia de pesquisa participante, tendo como objetivo geral salvaguardar a história e a memória da Comunidade Surda baiana, brasileira e mundial. O museu virtual daí resultante consiste numa tecnologia digital de informação e comunicação com potencial de utilização para diversas possibilidades de ensino e aprendizagem de alunos surdos. Este recurso educativo permite a interatividade entre os usuários, bem como a participação, a intervenção, a criação e a comunicação sobre o tema, possibilitando diversas aprendizagens escolares.

Palavras-Chaves: Museu Virtual. Comunidade Surda. Libras

SILVA, Aline da Cruz Porto. **Virtual museum of history and memory of the deaf community**: the context and the route of creation. 86f. il. 2015. Narrative- descriptive monograph (Professional master) – *Universidade do Estado da Bahia*, Salvador (Brazil), 2015.

ABSTRACT

The present monograph, written in narrative- descriptive style, reports the process of developing a virtual museum of the history and memory of the Deaf Community, in which participated deaf students as well as deaf and hearing teachers who work in School Marizanda Dantas. The Deaf Community has the Brazilian Sign Language (Libras) as a first language recognized by law and regulated by decree, both federal. For this reason, the process was performed using a participant research methodology with the general objective of safeguarding the history and memory of the Community Deaf from Bahia, Brazil and the world. The virtual museum resulting is a digital technology of information and communication with potential use for various teaching and learning possibilities for deaf students. This educational resource allows interactivity between users, as well as participation, intervention, creation and communication on the subject, enabling many school learning .

Key Words: Virtual museum. Deaf Community. Libras

SILVA, Aline da Cruz Porto. **Museo virtual de la historia y memoria de la comunidad sorda**: el contexto y el percurso de creación. 86f. il. 2015. Memorial narrativo-descriptivo (Mestrado profesional) – *Universidade do Estado da Bahia*, Salvador (Brasil), 2015.

RESUMEN

La presente memoria de investigación, escrita en estilo narrativo-descriptivo, relata el proceso de desarrollo de un museo virtual de la historia y memoria de la Comunidad Sorda brasileña. El trabajo contó con la participación de alumnos sordos, así como de profesores sordos y oyentes vinculados a la *Escola Marizanda Dantas* de enseñanza fundamental II (del sistema educativo brasileño). La Comunidad Sorda tiene la Lengua Brasileña de Signos (Libras) como primera lengua reconocida por ley y reglamentada por decreto, los dos de ámbito federal. Por esa razón, todo el proceso fue realizado con una metodología de investigación participante, teniendo como objetivo general recoger la historia y la memoria de la Comunidad Sorda baiana, brasileña y mundial. El museo virtual resultante consiste en una tecnología digital de la información y comunicación con potencial de utilización para diversas posibilidades de enseñanza y aprendizaje de alumnos sordos. Es un recurso que permite la interactividad entre los usuarios, y también la participación, la intervención, la creación y la comunicación acerca de la temática, posibilitando diversos aprendizajes escolares.

Palabras clave: Museo virtual. Comunidad Sorda. Libras

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Encontros Formativos	63
---------------------------------------	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Pesquisa de Capovilla: avaliação do desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas e escolares dos surdos	49
Figura 1 - Modelagem do Museu.....	58
Figura 2 - Visita Técnica ao INES (aspecto da entrada)	60
Figura 3 - Elenco do espetáculo.....	61
Figura 4 - Museu Acessível do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB)	61
Figura 5 - Museu Acessível do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB)	61
Figura 6 - Etapas do desenho do museu	64
Figura 7 - Palestra na Terceira Semana Surda	68
Figura 8 - Encontro Arte com as mãos	69
Figura 9 – Página principal do Museu Virtual da História e memória da Comunidade Surda; portal de interação entre a língua portuguesa e a Libras	74
Figura 10 - Página de teste do museu virtual em desenvolvimento (aspecto da linha do tempo)	75
Figura 11 - Tradutor <i>on line</i> de Português para Libras	76
Figura 12 - Conteúdo disponível	77
Figura 13 – Imagens descartadas pelos Surdos	77
Figura 14 – Simbologia manual	78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE – Atendimento Educacional Especializado

AESOS – Associação Educacional Sons do Silêncio

APADA – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Estado da Bahia

ASL – American Sign Language

HSBC – Hong Kong and Shanghai Banking Corporation – Corporação Bancária de Hong Kong e Xangai

CAS – Centro de Atendimento Surdos

CCBB – Centro Cultural Banco Do Brasil

CECA- Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente

CECLIS – Centro de Estudos Culturais e Linguísticos

CAEE – Centro de Atendimento Educacional Especializado

CESBA – Centro de Surdos da Bahia

FEMMIC – Feira Dos Municípios e Mostra de Iniciação Científica Da Bahia

FENEIS- Federação Nacional Educação e Integração de Surdos

GESTEC- Gestão e tecnologias Aplicadas à Educação

HMCS – História e Memória da Comunidade Surda

HQS – Histórias em Quadrinhos

IBC – Instituto Benjamim Constant

IBPEX – Instituto Brasileiro de Pós-Graduação

IFBAIANO – Instituto Federal Baiano de Educação, Ciência e Tecnologia

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LDB – Leis Diretrizes e Bases

LGP – Língua Gestual de Portugal

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LP – Língua Portuguesa

LSF – Língua de Sinais Francesa

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NAPNE – Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Específicas

PAED – Programa de Complementação ao Atendimento Educacional Especializado às Pessoas Portadoras de Deficiências

PANDESB – Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento da Linguagem do Surdo Brasileiro

PPGEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade

PROLIBRAS – Proficiência no Ensino de Libras

SMEC/CATU – Secretaria Municipal de Educação e Cultura

TICS – Tecnologias de Informação e Comunicação

UCSAL – Universidade Católica do Salvador

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNICID – Universidade da Cidade de São Paulo

UNIJORGE – Centro Universitário Jorge Amado

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

BREVE INTRODUÇÃO.....	15
1 ITINERÂNCIAS DE UMA PESQUISADORA E EDUCADORA DE SURDOS.....	19
1.1 OS PRIMEIROS PASSOS.....	19
1.2 EM BUSCA DA PÓS-GRADUAÇÃO.....	22
1.3 EXPERIÊNCIAS COM RITMOS E SURDEZ.....	25
1.4 EXPERIÊNCIAS COM A ESCRITA DE SINAIS.....	25
1.5 SEGUINDO PASSOS COM OS SURDOS.....	26
1.6 A APADA-BA COMO CAMPO DE PESQUISA	27
2 HISTÓRIA, QUESTÕES DA SURDEZ E EDUCAÇÃO DE SURDO	29
2.1 INFORMAÇÕES BREVES SOBRE OS SURDOS NA HISTÓRIA	30
2.2 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE AS ABORDAGENS EDUCACIONAIS	32
2.3 DIREITOS CONTEMPORÂNEOS: A EDUCAÇÃO BILÍNGUE	36
2.4 ACONTECIMENTOS RECENTES NO CONTEXTO BRASILEIRO	39
2.5 IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA	40
3 TICs, EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LIBRAS: CAMINHOS POSSÍVEIS	44
3.1 A IMPORTÂNCIA DAS TICs	44
3.2 A PROPOSTA DO MUSEU: TICs NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	46
3.3 A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS E DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE	48
3.4 ASPECTOS DA LIBRAS ENQUANTO LÍNGUA	51
4 A CONSTRUÇÃO DO MUSEU VIRTUAL: CAMINHOS PERCORRIDOS	55
4.1 MUSEU VIRTUAL: UM PERCURSO DE CRIAÇÃO COM OS SURDOS...57	
4.2 VISITAS TÉCNICAS A OUTROS MUSEUS.....	59
4.3 DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS REALIZADOS NA APADA-BA.....	62
4.4 MODELAGEM DO MUSEU VIRTUAL: ASPECTOS TÉCNICOS E EDUCACIONAIS.....	74
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS	83

BREVE INTRODUÇÃO

Meu desejo de desenvolver o “Museu Virtual da História e da Memória da Comunidade Surda” deve-se ao meu engajamento como educadora de alunos Surdos da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos do Estado da Bahia (Apada-Ba). Em atividades desenvolvidas em sala de aula, mediando conteúdos, no mês de setembro do ano de 2011, na condição de docente da disciplina Língua Brasileira de Sinais (Libras) realizei um projeto intitulado: “O Surdo que eu sou” (SILVA, 2011) com o objetivo de apresentar personagens da história dos Surdos que, ao longo do tempo, se destacaram e que se destacam nos dias atuais.

O texto que aqui apresento tem um caráter, predominantemente, narrativo e descritivo. Os meus objetivos são: 1) narrar para a comunidade acadêmica minhas experiências acumuladas ao longo de uma série de atividades exercidas junto a Comunidade Surda baiana; e 2) a partir desta narrativa, justificar o desenvolvimento de um museu virtual que salvaguardasse a história e a memória dessa comunidade. Em seu conjunto, este trabalho desenvolveu-se no contexto da Apada-Ba, onde trabalhei com os participantes que colaboraram com a elaboração do Museu Virtual.

Sendo a minha condição de ouvinte e usuária da Libras, adotei uma posição de intermediadora entre os Surdos¹ e os falantes da língua portuguesa (LP), quando interagem num mesmo espaço social. Esta tomada de decisão provocou-me uma vivência que precisa ser registrada. Em minha vida, este posicionamento levou-me a diversas vivências com a Comunidade Surda, que merecem ser compartilhadas para situar meu percurso e como surgiu a proposta do Museu Virtual da História e da Memória da Comunidade Surda. O meu desejo é construir um texto de estilo narrativo e descritivo, contando parte da minha história de vida junto a Comunidade Surda, que evidencie a justificativa e a fundamentação da criação do Museu Virtual.

Sei que o campo de discussão que envolve a temática de uma língua é muito vasto. Sei que se trata de uma área científica que a cada instante incorpora novas

¹ O “S” maiúsculo respeita a grafia adotada pelo grupo dos Surdos, que são aqueles usuários da Libras. Adoto esta mesma postura para ressaltar a identidade e a cultura Surda. Pela mesma razão, também prefiro a grafia da expressão Comunidade Surda com iniciais maiúsculas.

especulações, suposições e constatações. Faço esta opção porque o conhecimento, advindo diretamente da prática, merece seu espaço dentro da academia.

O Museu Virtual constitui-se num espaço que hospeda páginas contendo informações relevantes sobre a história e a memória de personagens e fatos da Comunidade Surda. Para a criação deste *site* na internet, a construção do Museu Virtual teve como objetivos:

- Salvar a história e memória da Comunidade Surda para oferecer aos próprios Surdos, conhecimento histórico sobre como a pessoa Surda era vista desde a antiguidade e como, ao longo do tempo, esta visão foi sendo modificada pelos próprios Surdos e pela sociedade ouvinte;
- discutir temas relacionados à história da Comunidade Surda com a participação de alunos Surdos do Ensino Fundamental II (6º, 7º e 8º ano da Apada-Ba), fazendo referência a fatos importantes que dizem respeito à construção da identidade e da cultura Surda;
- utilizar tecnologias digitais da informação e da comunicação, aplicadas à educação para potencializar a aquisição de conhecimentos relevantes na formação da cidadania da pessoa Surda (seja qual for a região onde aconteça sua escolaridade); e,
- incentivar o uso de suportes digitais na Educação de Surdos, como possibilidade de compreensão de conteúdos escolares (veiculados em português escrito e/ou vídeos em Libras), tornando a prática pedagógica mais interativa e lúdica;
- favorecer a aprendizagem significativa que promova a participação ativa e o empoderamento dos alunos Surdos.

Para construção do Museu Virtual como catalisador no processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos, foi indispensável traçar uma trajetória dos fatos que marcaram a história da Comunidade Surda no Brasil e no mundo. Através de uma narrativa feita de encantos e desencantos, de utopias e realidades, é possível apresentar conceitos, reflexões e sugestões, que poderão indicar caminhos para construção de conhecimentos pertinentes à formação de alunos Surdos.

O conteúdo deste memorial foi dividido em quatro capítulos, nos quais apresento o processo de construção do Museu Virtual: meu contexto pessoal, alguns dos fundamentos teóricos que inspiraram minha iniciativa, bem como a utilização de uma metodologia de pesquisa participante necessária para a realização de um trabalho desta natureza.

Após esta breve introdução, do presente memorial narrativo-descritivo, trago, no primeiro capítulo, um registro do meu percurso como educadora de Surdos, a partir de uma breve narrativa de como construí minha implicação com a Comunidade Surda. Além disso, faço um breve retrato da Apada-Ba, instituição a qual estou vinculada desde os primeiros passos da minha itinerância e que apoiou o trabalho aqui narrado e descrito.

O conteúdo do segundo capítulo traz um pouco da história das pessoas deficientes e Surdas no contexto mundial e brasileiro. Veremos, através da leitura do texto, que essa abordagem é importante como fundamento para a elaboração de um artefato sobre a história e a memória de uma comunidade. Por isso, além de algumas notas históricas dos Surdos, dos direitos contemporâneos à Educação Bilíngue, do contexto brasileiro recente, também trago uma breve reflexão sobre a importância da história e da memória para o trabalho proposto.

No terceiro capítulo, trato da importância das TICs no mundo contemporâneo, da sua utilização pelos Surdos e de como, neste contexto, surgiu a ideia de propor um Museu Virtual enquanto tecnologia com finalidade educacional para alunos Surdos. Uma vez que as TICs por si só não podem ser significativas sem a mediação de educadores, também trato da importância da Educação Bilíngue para os Surdos e o lugar da Libras neste processo.

No quarto capítulo, trato dos caminhos percorridos para construir um Museu Virtual com a participação da Comunidade Surda. Faço uma breve narrativa da minha visita técnica ao Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES), localizado no Rio de Janeiro e a outros museus acessíveis daquela cidade, bem como uma ampla descrição dos encontros formativos realizados na Apada-Ba para assegurar e legitimar o olhar da Comunidade Surda. Após estes procedimentos, narro e descrevo a etapa de criação do *site* do museu virtual na internet.

No quinto capítulo, faço as considerações finais, ressaltando as possibilidades educativas do Museu Virtual, bem como reconhecendo as limitações e a necessidade da metodologia escolhida para a realização do trabalho.

Os museus virtuais constituem-se num espaço formador que possibilitam encontros da educação com a cultura, estabelecendo diálogos entre professores e alunos, vice-versa gerando interação e aprendizagem.

Convido os leitores Surdos, ouvintes implicados, professores e alunos, a acessar a página do Museu Virtual HMCS no endereço: <museuvirtualhmcs.com.br>. Sugiro que todos os interessados façam uma visita virtual e conheçam o acervo online disponível através da linha do tempo com informações históricas e de personagens. Além dessas informações, também disponibilizamos notícias, curiosidades da Comunidade Surda e legislação que ampara os direitos conquistados.

1 ITINERÂNCIAS DE UMA PESQUISADORA E EDUCADORA DE SURDOS

Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.
(Paulo Freire, 1997, p.155)

Em breve nota biográfica acadêmica, minha formação pode ser assim resumida: graduada em Letras, licenciatura em língua portuguesa e literatura (UNIJORGE, 2008); especialista em Educação Especial e em Educação Inclusiva pela Faculdade Internacional de Curitiba – Instituto Brasileiro de Pós-graduação (IBPEX, 2009); especialista em Libras pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID, 2011); proficiente no ensino da Libras com certificação nacional (MEC/UFSC, 2015); e atualmente graduanda do curso de licenciatura em Letras/Libras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Minha trajetória com a Libras tem sido trilhada por caminhos que seguem sendo desbravados em construções e reconstruções. Recordo, como se fosse hoje, as sensações que vivi no meu primeiro encontro com o universo da Comunidade Surda e sua cultura, que antes era desconhecido para mim. Senti, naquela ocasião, uma mistura de medo e ansiedade. Como eu poderia me comunicar com pessoas que falam com as mãos?

Fui uma adolescente muito tímida, introvertida e com enorme desejo de romper barreiras, ser capaz de externar e compartilhar sentimentos. Eu queria ser mais comunicativa e expressar melhor minhas ideias. Foi quando, em conversas com minha mãe, externei o desejo de participar de uma oficina de teatro. Começou, desde então, minha busca pela socialização para ampliar minha habilidade de comunicação.

1.1 OS PRIMEIROS PASSOS

Em 1994, fui a um seminário, conheci um grupo de teatro que dançava, e, simultaneamente, comunicava-se em Libras. Este grupo contava com Surdos no elenco. Passei a participar das oficinas e me surpreendi com minha capacidade de comunicação viso-gestual. Para mim, é importante ressaltar que esta foi uma das melhores descobertas

da minha vida e isto aconteceu graças ao professor deste grupo de teatro. Em paralelo a estas oficinas, iniciei o que seria meu primeiro curso de Libras, denominado na época de “Linguagem de Sinais”.

Inebriada pelo universo linguístico da Libras, dediquei-me a aprender os pressupostos relacionados ao seu uso e ensino. No final do ano de 1997, ao aceitar o convite de uma colega para atuar como intérprete num curso de capacitação de Surdos para o mercado de trabalho, surgiu o convite para trabalhar na Apada-Ba através de uma seleção e de uma possível contratação, o que de fato aconteceu.

Em princípio, eu realizava traduções em seminários, congressos, eventos diversos e em empresas onde havia alocados, no quadro de funcionários, nas mais diversas funções, colaboradores Surdos que mantinham parceria com a Apada-Ba.

Fui aprovada num exame de proficiência em Libras da Federação Nacional Educação e Integração de Surdos (Feneis) e prosseguia os estudos da Libras em diversos cursos, sem ainda preocupar-me com o ingresso na academia. Em mim, havia um sonho: ser professora de Surdos.

No curso de Pedagogia, a Libras deixou de ser apenas instrumento de trabalho, passando a ter enfoque educacional: ensinar a partir da Libras. Porém, minhas inquietações permaneciam a partir do contato com a escrita do aluno Surdo. Temporariamente, tranquei este curso, pois desejava ensinar a LP para os alunos surdos, através da língua natural deles que é a Libras.

A partir daí, surgiu a ideia de começar o curso de Letras e focar numa área específica de atuação. O contato com o curso de Letras a partir de 2003, possibilitou-me pensar sobre a ideia de “língua” não apenas enquanto estrutura, mas também pensá-la enquanto veículo de instrução, já que com a Libras, o aluno Surdo poderia ter contato com gêneros textuais contemporâneos, bem como com textos da própria Literatura Brasileira. Em meio a pesquisas e leituras, surgiu meu primeiro texto científico, apresentado como trabalho de conclusão de curso da graduação, intitulado: “A importância da literatura na formação do imaginário do ‘sujeito’ Surdo” (SILVA, 2007). Escolhi o tema deste trabalho por sua relação tanto com a questão da educação, quanto com a questão social e cultural da pessoa Surda. Passei a pensar na perda que os alunos tinham por não terem acesso à literatura, o que não ocorre com a criança ouvinte, que tem contato com este universo já no início da vida.

Além disso, contar histórias faz parte da vivência de formação de muitas pessoas. Logo, o estudo e a reflexão visam contribuir para a inclusão e a inserção do Surdo no

mundo do “imaginário”, tendo a literatura como suporte dessa prática. Com o texto deste trabalho, apresentei uma proposta para a Apada-Ba e esta instituição criou um projeto sobre o tema, tendo sido este aceito e executado com recursos do Ministério da Educação MEC/PAED. Desde então, a literatura passou a fazer parte do currículo escolar da escola Marizanda Dantas (vinculada à Apada-Ba). Nesse momento da minha vida, eu já havia passado por diversas experiências profissionais atuando como tradutora e intérprete de Libras, em:

- cursos de capacitação profissional;
- acompanhamento de pessoas Surdas em reuniões em diversos contextos;
- seminários e congressos com temas sociais;
- *expert* em questões processuais jurídicas como: julgamentos, audiências e depoimentos;

Além destas atuações, já exerci o papel de tradutora em consultas médicas e atendimentos psicológicos. E mais ainda, atuei como instrutora de Libras para pais/familiares de Surdos, bem como para a comunidade não surda em geral, como, por exemplo, empresas e outras instituições.

No bojo das atividades acima relacionadas, comecei a capacitar professores em cursos de formação. Tais atividades foram desenvolvidas antes, durante e depois da minha primeira graduação em Letras pela UNIJORGE (2004-2008).

Nesse instante, senti a carência de formação continuada para aperfeiçoar o conhecimento adquirido e a utilização destes na formação de novos profissionais capazes de atender às necessidades da Comunidade Surda.

O reconhecimento da lei da Libras foi um divisor de águas para os Surdos, porque representa uma vitória na luta pela “igualdade” de direitos, sobretudo o direito linguístico, com o reconhecimento da língua natural deles, fato que se reflete no pleno desenvolvimento social, cultural e educacional destas pessoas. Quadros (2009, p.11) afirma que “Libras é a língua de sinais que se constitui naturalmente na Comunidade Surda brasileira”. Para mim, ouvinte proficiente da Libras, o seu reconhecimento e regulamentação trouxeram notoriedade e legitimidade para a minha atuação profissional como professora desta língua, isto em razão do preconceito linguístico da sociedade ouvinte que não a considerava como uma língua de natureza viso-gestual.

1.2 EM BUSCA DA PÓS-GRADUAÇÃO

A regulamentação da Libras pelo decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005 trouxe muitas contribuições para expansão do meu trabalho, posto que o reconhecimento e a regulamentação da nossa língua de sinais, além de oportunizar olhar especificamente as necessidades existentes da Comunidade Surda, possibilita sua escolarização numa perspectiva bilíngue, formação e capacitação.

No ano de 2009, tive a oportunidade de cursar uma disciplina como aluna especial: Tecnologia da Educação e Diversidade Cultural, do Programa de Pós-graduação de Mestrado e Doutorado em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Naquela oportunidade, tive contato com mestres e doutores que nortearam minha continuidade na área da educação e pesquisa educacional para Surdos.

O projeto de pesquisa apresentado à UNEB, resultante da disciplina cursada, intitulou-se “A importância da literatura para Surdo – caminho para letramento com contribuição da tecnologia digital” (SILVA, 2009). O referido trabalho discute como alfabetizar alunos Surdos, e como a tecnologia poderia ser utilizada enquanto recurso para produzir histórias em quadrinhos (HQs) para surdos.

Naquele período, realizei alguns trabalhos como: construção de histórias contadas por Surdos, os quais desenhavam nas aulas de informática, utilizando os computadores para os registros. Paralelamente à disciplina cursada no mestrado, já cursava a Pós-graduação *Lato sensu* em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Internacional de Curitiba, em parceria com o IBPEX.

Neste contexto da especialização, desenvolvi um estudo de caso que resultou no artigo intitulado “Literatura e educação de surdos” (SILVA, 2009). Se em trabalho anterior minha conclusão havia sido no sentido de proporcionar ao Surdo o acesso à literatura através da língua de sinais, nesse outro momento, dei à pesquisa uma ótica de utilização da literatura para letramento em LP.

A primeira perspectiva garantia a necessidade essencial de acesso, enquanto no segundo momento passei a enxergar a literatura não só como direito essencial, mas também como meio de transmissão de cultura, educação, crescimento e fortalecimento intelectual.

Partindo das pesquisas, Ao debruçar-me sobre trabalhos de diversos autores que escrevem sobre Educação de Surdos e a importância da Libras, encontrei fundamentação teórica para o trabalho de pesquisa, bem como o acolhimento necessário em meu ambiente de trabalho com a implantação da “Mostra literária na Apada-Ba”, que teve diferentes edições devido a minha atuação como docente na referida escola.

A mostra literária consistiu numa apresentação teatral em Libras na qual a equipe pedagógica do Centro Educacional Marizanda Dantas apresentou como resultado riquíssimo do trabalho realizado nas aulas de Literatura, que eu ministrava na instituição.

O contexto dos textos literários através da Libras tem possibilitado aos alunos Surdos adentrar no mundo da fantasia, da imaginação da criatividade e da criação².

A aproximação com os enredos literários e sua vivência, a partir da prática teatral, possibilita ao aluno Surdo, além de elevar sua autoestima, inserir-se num ambiente sociocultural antes restrito a pessoas ouvintes. Desse modo, o estudo e reflexão tinham como objetivo geral, contribuir para a inclusão e a inserção do surdo no mundo do imaginário, tendo a literatura como suporte dessa prática, pois acredito nesta potencialidade dos Surdos, do mesmo modo que Behares (2000) ao afirmar que:

Cremos que é nela que se baseia a essência psicossocial da surdez: ele (o surdo) não é diferente unicamente porque não ouve, mas porque desenvolve potencialidades psicoculturais diferentes das dos ouvintes. (BEHARES, 2000, p. 2).

Há diversas possibilidades de apresentação da literatura a esse sujeito surdo, dentre elas, o processo de conto e reconto das histórias através da Libras, com a utilização de recursos visuais, ou seja, livros e revistas com ilustrações, peças teatrais e filmes, sempre priorizando as interações comunicativas em língua de sinais.

É de suma importância que o acesso à literatura aconteça desde a educação básica para que o sujeito Surdo, alheio a tantas informações, seja capaz de mergulhar no imaginário, usar a fantasia, construir sua identidade e cultura, criar sua literatura, não reproduzindo o discurso do falante “ouvinte”. Segundo Skliar (1998), a língua de sinais anula a deficiência e permite que os surdos constituam, então, uma comunidade linguística minoritária diferente e não um desvio da normalidade.

² Recordo-me de uma frase de autor desconhecido, que diz ser o palco o lugar onde se encontra o apogeu, pois é nele que se descobre o estado de alacridade do eu, e se dissipa a alma no infinito....

Mobilizados pela perspectiva inclusiva que o teatro e a literatura propiciam, apresentamos e convidamos cada um a ter olhos sensíveis ao que nossas mãos são capazes de expressar. Neste sentido, a experiência demonstrada por alguns pesquisadores indicam que se faz necessário considerar que o imaginário permite-nos criar e recriar a fantasia, a partir do que vemos e ouvimos como alimento para imaginação. Para Iser Wolfgang (1996 p. 259), [...] o imaginário não é um potencial que ativa a si mesmo, mas uma instância que precisa ser mobilizada por externo.

Para o sujeito imaginar, necessita de estímulos que não se encontram apenas em si, mas no meio social exterior a ele; tal sujeito tem sua visão de mundo a qual o influenciará, não estabelecendo limites nem padrões, fazendo aflorar a imaginação sem limites. Certamente, a literatura viabiliza essa “fantasia”.

No terceiro ano do projeto, uma nova perspectiva passou a ser pensada: atribuir à Mostra Cultural um olhar singular às questões identitárias da Comunidade Surda em Salvador-Ba, a partir de uma discussão nacional politizada dessa comunidade acerca da afirmação da cultura e da identidade surda. Quando reescrevi “O mágico no sertão de Oz”, inspirada em “O mágico de Oz”, (SILVA, 2011) a personagem Dorotéia Surda busca seu lugar na sociedade e, a partir da experiência de chegar ao sertão encantado, faz a incrível descoberta do seu lugar no mundo da comunicação sinalizada, propiciando a afirmação de identidade cultural da Comunidade Surda.

O referido projeto, “Recontando a Literatura Infantil em Libras” (SILVA, 2011) foi financiado com recursos do Fundo Estadual de Atendimento à Criança e ao Adolescente (FECRIANÇA) – observadas as diretrizes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – e contou com o apoio do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente (CECA). O Conselho é um órgão de caráter deliberativo, formulador e controlador das políticas públicas, voltadas para o atendimento à criança e ao adolescente.

Produzimos, ainda, um vídeo com edição e exposição da mostra de trabalhos do curso de fotografia desenvolvido no mesmo período, além da apresentação do grupo de percussão formado por alunos Surdos. Gostaria de ressaltar que tais atividades foram desenvolvidas pelos profissionais da equipe pedagógica da Apada-Ba.

1.3 EXPERIÊNCIAS COM RITMOS E SURDEZ

Particpei também do projeto de percussão para Surdos, o qual, em seleção nacional realizada pelo Banco HSBC Solidariedade, a Apada-Ba foi selecionada com

aprovação do projeto, intitulado “Percussão para Surdos” em que os alunos aprendiam sobre música e, como baianos soteropolitanos, tocavam na percussão a batida do axé, do *afro-reggae* e do forró, ritmos que marcaram todas as apresentações. Nos últimos dois anos, antes do desligamento do meu contrato de trabalho com a Apada-Ba, eu atuava como tradutora e educadora do projeto.

O resultado desse intenso trabalho do qual participava ativamente, desde a sua instituição à colheita dos frutos, da criação da banda Batuque de Surdos, que realizou diversas apresentações em público, em eventos diversos na cidade do Salvador e em outros municípios, foi que os estudantes Surdos sempre arrancaram aplausos pela excelência do trabalho desenvolvido.

1.4 EXPERIÊNCIAS COM A ESCRITA DE SINAIS

Na segunda especialização em Libras, pela UNICID desenvolvi, juntamente com os estudantes Surdos, mais uma pesquisa, um estudo de caso que resultou no trabalho: “Literatura em língua de sinais x escrita de sinais: estratégias para ensino e aquisição da língua portuguesa como segunda língua” (SILVA, 2010).

O interesse em escrever esse trabalho surgiu com a inquietação em aprender, estudar e pesquisar o sistema de escrita dos sinais *Sign Writing*, adaptado à escrita da Libras, o que, sem dúvida, enriqueceria minha prática em sala de aula.

Com a evolução das pesquisas e a efervescências nos estudos da educação especial/inclusiva, bem como com a regulamentação de leis que amparam a Educação de Surdos numa perspectiva bilíngue, a escrita de sinais, hoje pouco conhecida e não divulgada, representa para a Comunidade Surda a grafia da sua língua. A escrita de sinais, por sua vez, pode ser utilizada para a escrita da Libras, permitindo o registro não apenas de sinais, mas de textos e números, sendo assim um sistema completo de escrita da nossa língua viso-gestual.

A escrita de sinais, até então, não é reconhecida oficialmente como língua escrita da Comunidade Surda, pois existem outros sistemas e ainda não há consenso sobre aquele que deve ser adotado. Atualmente o sistema *Sign writing* é o mais “aceito” pela Comunidade Surda.

1.5 SEGUINDO PASSOS COM OS SURDOS

Minhas atividades profissionais consistem na pesquisa engajada com a Comunidade Surda na Apada-Ba, município de Salvador, além da capacitação continuada de professores através de cursos e palestras.

Enquanto professora pesquisadora, reflito diariamente acerca da minha prática pedagógica em sala de aula, sempre buscando estudos reflexivos, ampliando meus horizontes sobre a Surdez com textos teóricos para compreensão histórica, ou seja, procurando o recorte histórico para compreensão da constituição do ser Surdo (PERLIN, 2003) ao longo do tempo.

Portanto almejava, na área acadêmica, ingressar no mestrado. Após a seleção e aprovação em 2014, iniciei outro ciclo para dar continuidade a minha trajetória como pesquisadora, imbricada com o processo educacional dos alunos Surdos.

Sou dessas pessoas que creem que há tempo para todas as coisas. Sempre acreditei que, no tempo certo, minha busca seria concretizada, sobretudo pelo fato de também ser dessas pessoas que cultivam um olhar singular na “multidão” e seguem acreditando que a educação é transformadora. No caso dos alunos Surdos, também sempre percebi a necessidade de uma política educacional de “reparação” de uma vida escolar sofrível e da não aceitação linguística, fatos que implicaram em consequências negativas no processo de ensino e aprendizagem desses execrados ao longo da história da nossa construção social. Para ingressar no mestrado com estas preocupações, mantive a esperança de que tudo é possível para quem crê. Castellanos (1999), um autor cristão, nos ensina que se sonharmos alcançaremos o mundo. E com este sonho por concretizar, que a educação seja de qualidade e que compreenda a singularidade linguística dos estudantes Surdos, comecei meus primeiros passos na pós-graduação.

Ao descrever minha trajetória acadêmica e profissional no formato de um memorial, legítimo uma atitude de pesquisa engajada na qual o olhar da pesquisadora não se constitui como um olhar distante na multidão, bem como informo aos leitores as dificuldades que o povo Surdo vivenciou e vivencia em seu percurso histórico educacional.

Nas últimas décadas, a palavra de ordem tem sido “inclusão” e ao refletir sobre esta palavra não deixo de me perguntar o que de fato é incluir? O quê? A palavra e a ideia de “inclusão” nos fazem refletir sobre a educação como um todo - o que nos faz pensar que um caminho interessante para inclusão é a busca da acessibilidade, bem como o desenvolvimento das novas tecnologias acessíveis para o processo de ensino e

aprendizagem. Essa busca pode nos levar a desenvolver estratégias que podem facilitar a inclusão sócio-digital das pessoas com deficiência, possibilitando maior igualdade de direitos, mais dignidade e o necessário respeito às diferenças. O maior movimento social pela humanização em Educação, e da sociedade como um todo é, sem dúvida, a inclusão das pessoas com deficiência.

O memorial ora apresentado centra-se no sujeito Surdo e na afirmação de suas capacidades positivas. Para continuar, a partir desta perspectiva, quero esclarecer que parto de uma visão antropológica da Surdez, o que implica reconhecer sua realidade linguística e cultural. Isso não significa que eu negue o aspecto audiométrico da perda auditiva que pode ser leve, moderada (25 – 50 D.B), severa (51 – 90 D.B) ou profunda (acima de 91 D.B).

Na contemporaneidade, a expressão “deficiente auditivo” é utilizada no contexto clínico/médico, no qual a pessoa que possui um déficit de audição é vista como sendo impedida de adquirir a língua oral/auditiva. Já o termo Surdo é utilizado especialmente pela Comunidade Surda com objetivo de construção de uma identidade cultural, pautada no uso da Libras e na cultura visual Surda, ambas amparadas pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002).

1.6 A APADA-BA COMO CAMPO DE PESQUISA

A Apada-Ba é uma entidade sem fins lucrativos, de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal, fundada no dia 8 de julho de 1992 por familiares de Surdos. A sede da instituição está localizada na Rua Ilhéus, nº. 96 – Parque Cruz Aguiar, Rio Vermelho, Salvador, Bahia.

Atualmente, a Apada-Ba atende, aproximadamente, 150 crianças e adolescentes Surdos, prestando serviços educacionais pelo Programa de Educação Infantil e Fundamental da Escola Marizanda Dantas, a qual possui um Centro de Atendimento Educacional Especializado (CAEE) que acompanha os alunos Surdos matriculados na escola comum no turno oposto, auxiliando no ensino de Libras. Esta escola trabalha na perspectiva do ensino bilíngue e da pedagogia visual, daí sua prática de ensino utilizar a Libras como língua de instrução e o ensino da LP como segunda língua na modalidade escrita.

Outros serviços também são oferecidos tais como: acompanhamento psicossocial, psicopedagógico e encaminhamento fonoaudiológico; Programa de Inclusão da Pessoa

Surda no Mercado de Trabalho (atendendo cerca 1.000 Surdos alocados nas empresas parceiras); cursos de capacitação profissional; cursos de Libras para comunidade e para profissionais; e realização de exame audiométrico.

A Apada-Ba foi a instituição que acolheu e apoiou minha proposta de pesquisa para desenvolvimento do Museu Virtual devido a minha trajetória como intérprete de Libras e educadora da instituição.

2 HISTÓRIA, QUESTÕES DA SURDEZ E EDUCAÇÃO DE SURDOS

As narrativas das pessoas com deficiência na sociedade são marcadas por trajetórias sofridas pelas diversas formas de exclusão ao longo da história. Com as pessoas surdas, a realidade não foi diferente, tendo em vista o fato de terem sido consideradas anormais em diversos momentos da história da humanidade.

Uma revisão do cenário histórico na Antiguidade revela-nos que havia um padrão de normalidade estabelecido e quem destoasse deste padrão estava à margem da sociedade, já que quaisquer diferenças eram vistas como desvios da norma dos indivíduos nascidos “sem defeito”.

Os nascidos imperfeitos eram execrados e tratados com descaso e abandono, em algumas sociedades eram simplesmente sacrificados. Na Grécia Antiga, principalmente em Esparta, todos que nasciam vivos eram inspecionados com o fito de se verificar se apresentavam bom estado de saúde e bom aspecto físico. Os que apresentavam algum “defeito”, por representarem um peso morto, eram automaticamente descartados, como se fossem uma mercadoria imprestável. Porém, em Roma, a escolha entre a vida e a morte estava sob responsabilidade exclusivamente da família para os que haviam nascido deficientes. Em resumo, durante a Antiguidade no mundo ocidental:

Os surdos foram julgados estúpidos por milhares de anos e considerados incapazes pela lei ignorantes-incapazes para herdar bens, contrair matrimônio, receber instrução, ter um trabalho adequadamente estimulante e que lhes foram negados direitos humanos fundamentais. Essa situação só começou a ser remediada em meados do século XVIII, quando (talvez como parte de um esclarecimento mais geral, talvez por um ato específico da empatia e gênio) a percepção e a situação dos surdos se alterou radicalmente. (SACKS,1998, p. 23).

Para compreendermos o presente, faz-se necessário certo conhecimento da evolução histórica do tratamento conferido à Comunidade Surda.

A história dos Surdos é marcada por práticas preconceituosas e discriminatórias já que eles eram considerados doentes mentais, ineducáveis, preguiçosos, isolados do convívio social, deficientes.

2.1 INFORMAÇÕES BREVES SOBRE OS SURDOS NA HISTÓRIA

Ainda na Idade Antiga, alguns filósofos relacionavam a surdez com debilidades mentais. Heródoto (484 – 425 a.C.), por exemplo, defendia que o fato de as pessoas não se comunicarem pela oralidade, ou seja, pela fala no sentido literal, era por uma questão de debilidade mental.

Para Hipócrates (460 - 370 a.C.), a surdez era considerada como deficiência e deformidade física. Tal entendimento perdurou até a Idade Moderna. Para Aristóteles (384 – 322 a. C.), a audição era via principal para desenvolver a inteligência, e por isso ele acreditava que somente através da educação seria possível desenvolver o intelecto, sendo indispensável a faculdade de ouvir. Porém, Platão (427 – 347 a. C), foi além da visão clínica da surdez ao considerar que o uso de sinais permitia um desenvolvimento importante no crescimento educacional das pessoas Surdas. Entretanto, as pessoas com quaisquer deficiências viviam à margem da sociedade. Nesse período, os direitos destas pessoas foram negados. Os Surdos foram considerados dementes pelo fato de não falarem e por isso foram privados de seus direitos humanos.

O que percebemos no contato com a literatura sobre o tema é que a história dos ditos incapazes é significativamente marcada pelo peso da exclusão social. As diferenças humanas foram utilizadas como motivo de não aceitação do outro e esta, por sua vez, foi utilizada como um discurso de manobra social na tentativa de construção de uma sociedade “sem pessoas defeituosas”.

A Idade Média foi marcada por mudanças significativas. A pessoa com algum tipo de deficiência passou a ter “visibilidade” na condição de indivíduo diferente. A igreja manifesta-se, justificando o fato de as pessoas terem direitos, argumentando que os deficientes também tinham uma alma e que a alma humana era uma obra divina. Daí em diante, a pessoa com deficiência passa a ser considerada humana, adquirindo assim o direito fundamental de viver.

Abordando a surdez, Santo Agostinho (354 – 430 d.C.) chegou a dizer que todos os pais que tivessem filhos com a deficiência auditiva estariam pagando o preço pelo peso do pecado cometido. O final da Idade Média e início da Idade Moderna marcam o caminhar histórico das pessoas Surdas, ganhando novo rumo em função dos primeiros trabalhos de pesquisa na área educacional, voltados para as pessoas com deficiência auditiva, época em que a surdez é desassociada de uma visão meramente religiosa, passando a ser estudada por cientistas e médicos.

Por isso, no século XVI, começaram a surgir os primeiros escritos de educadores especialmente na Alemanha, Espanha, França e Inglaterra, surgindo assim escolas centradas no processo de ensino e aprendizagem de crianças surdas, por meio do uso da datilografia, escrita e fala, assim como da metodologia oralista. Somente no século XVII, a língua de sinais entra no cenário da Educação de Surdos, passando a fazer parte do processo de ensino com perspectiva de uso positivo para a aprendizagem dessas crianças.

Nesse sentido, o Brasil apresentou também algum desenvolvimento no processo de escolarização dos Surdos. No final da Revolução Francesa (1789-1799, sec. XVIII), surgiu uma nova concepção social em relação à humanidade, assegurando direitos individuais, inclusive no que diz respeito à condição de ser Surdo (PERLIN, 2003). Com a expansão do capitalismo, a sociedade passou a requerer a ativa participação das pessoas, exigindo delas o pré-requisito da produtividade.

Nesse contexto, o Brasil não ficou à margem do capitalismo e, para moldar-se à realidade, começou a incorporar a instrução educativa como pré-requisito para o mercado de trabalho. Este movimento foi favorável para a Comunidade Surda, uma vez que

No ano de 1857, D. Pedro II inaugurou no Rio de Janeiro o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Tendo como precursor desse projeto o francês Eduard Huet, D. Pedro II ordenou que lhe fossem dados todos os tipos de assistência necessária para a implantação desse projeto. Huet iniciou os seus trabalhos no então Colégio Vassimon, e no ano de 1856 ocupou todo o espaço físico da escola, inaugurando assim, no ano seguinte, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Cem anos mais tarde, em 1957, o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos passou a denominar-se Intitulo Nacional de Educação dos Surdos - INES (MAZZOTTA, 1997; GUARINELLO, 2004).

Para a Comunidade Surda brasileira, o segundo Império representa um marco histórico. O ponto de partida inicial para a construção de identidade dos Surdos no Brasil foi marcado com a fundação do Colégio Nacional para Surdos-Mudos, em 1857, atual Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES). A fundação dessa primeira escola de Surdos no Brasil aconteceu no século XIX, ainda durante o segundo império brasileiro. Por determinação do próprio imperador, D. Pedro II, o professor Surdo E. Huet veio da França para o Rio de Janeiro com o objetivo de contribuir com a fundação desta escola – fato que representa um marco histórico extremamente relevante para a Comunidade

Surda brasileira – um verdadeiro divisor de águas na história da escolarização de estudantes Surdos no país.

Nesse momento, a escola passou a ter representação significativa na vida dos Surdos brasileiros, por meio das histórias de vida de muitas pessoas Surdas que foram entrelaçadas no mesmo espaço, a partir dos caminhos trilhados por Surdos de vários estados do país até o ponto de chegada: a escola de Surdos no Rio de Janeiro, então capital do país.

2.2 NOTAS HISTÓRICAS DAS ABORDAGENS EDUCACIONAIS

Ainda durante o período do Iluminismo europeu (sec. XVIII), a língua de sinais passou a ser percebida como língua natural dos Surdos. O abade francês Charles L'Épée (1712-1789) foi um dos primeiros a reconhecer a língua de sinais francesa (LSF) usada pelos Surdos de Paris da sua época, como língua de instrução e um dos primeiros educadores de Surdos a instituir uma escola com aulas em grupos (até então, apenas filhos surdos de famílias abastadas recebiam educação individualizada de alto custo). A partir daí, Surdos e ouvintes implicados passaram a reconhecer o quanto a língua de sinais é importante para a Comunidade Surda, como principal elemento de empoderamento e afirmação da Cultura Surda.

O grande marco negativo na história dos Surdos em geral, e da Educação de Surdos em particular, foi o Congresso de Milão em 1880, quando o método oral (oralismo) foi escolhido como única forma de educação de pessoas Surdas, abolindo o gesticulismo (uso de línguas de sinais) e o trabalho de professores Surdos como alternativa possível.

No século XIX, alguns profissionais queriam que os Surdos fossem sujeitos falantes, ou seja, passou a imperar, a partir de então, o oralismo – filosofia de educação de Surdos que tem a língua oral como única forma de comunicação e despreza qualquer forma gesticulada.

A filosofia oralista tinha como objetivo principal minimizar a deficiência por meio da estimulação auditiva, procurando capacitar a pessoa Surda para a utilização da língua oral, de forma que tanto a leitura labial quanto o uso da voz fossem desenvolvidas através da aprendizagem da leitura orofacial e do treino vocal com estimulação de percentuais auditivos e amplificação sonora. Alguns estudiosos da época afirmavam que a aquisição

da linguagem oral era a única forma que as pessoas Surdas poderiam desenvolver para estabelecerem relações sociais e educacionais.

Em vez de questionar a sabedoria de sua abordagem restritiva, os oralistas argumentam que os resultados de um treinamento oral, reconhecidamente pobres, originam-se do fato de não se ter feito um diagnóstico o quanto antes, de não haver iniciado a amplificação cedo, de não se dispor de um aparelho auditivo corretamente ajustado, de não existir pessoal adequadamente qualificado, de não se ter conseguido motivar os pais, para que insistissem no uso constante do aparelho auditivo [...] as condições para o sucesso são objetivos ideais pelos quais alguns podem desejar lutar para alcançar, mas, ao mesmo tempo, essas condições são uma desculpa pronta para o que os outros consideram “insucessos”, na abordagem básica do tratamento da criança surda (FREEMAN; CARBIN; BOESE, 1999, p. 145).

É importante ressaltar que o histórico de mais casos de fracassos que de êxitos, vivenciado por muitos Surdos educados no oralismo, criou o contexto histórico para o surgimento de outra filosofia educacional que consiste na Comunicação Total, que se define como uma concepção que incorpora os modelos auditivos, manuais e orais com objetivo de assegurar a comunicação eficaz possível entre as pessoas Surdas, bem como destas com as ouvintes.

A Comunicação Total estava preocupada com a educação e defendia a utilização de todos os recursos favoráveis à comunicação com o Surdo de forma simultânea, tais como: a língua de sinais, a datilologia, o uso da voz, etc. Geralmente, os códigos manuais eram utilizados na mesma estrutura gramatical da língua oral, pois não havia estudos linguísticos sobre a língua de sinais.

A Comunicação Total implica em que a criança com surdez congênita seja introduzida precocemente em um sistema de símbolos expressivos e receptivos, os quais ela aprenderá a manipular livremente e por meio dos quais poderá abstrair significados ao interagir irrestritamente com outras pessoas. A Comunicação Total inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo. (DENTON, 1976 apud FREEMAN; CARBIN; BOESE 1999, p. 171).

Contrariando o oralismo e a Comunicação Total, a partir da década de 60, surge também a proposta do bilinguismo na Educação de Surdos. Porém, essa proposta só ganhou força a partir dos anos 80, com a criação de turmas bilíngues por Danielle Bouvet em Paris (desde 1979), bem com a adoção do bilinguismo em países como Dinamarca e Suécia. O bilinguismo consiste no uso da língua de sinais para o ensino curricular, sendo a língua oral ou a língua escrita, a segunda língua a ser ensinada para os alunos Surdos, a depender de cada caso. Este processo pode acontecer de forma simultânea ou sucessiva, não há consenso. No Brasil, frequentemente a Libras tem sido ensinada como primeira língua (L1) e a LP, em sua forma escrita, como segunda língua (L2).

A atual corrente filosófica do bilinguismo defende que a língua de sinais seja primeira língua do sujeito Surdo, pois através dela, torna-se possível proporcionar a ele uma comunicação fluida com a comunidade da qual faz parte bem como seu desenvolvimento como pessoa, e o aprendizado da língua do seu país como segunda língua:

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país [...] os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFELD, 1997, p. 38).

O trajeto percorrido para aceitação e reconhecimento do sujeito Surdo, ao longo da história, é marcado por muitas lutas, tais como lutas pela afirmação de identidade Surda, lutas por posicionamentos políticos, argumentações críticas, lutas nas quais os próprios Surdos estão engajados e por outros implicados que abraçaram a causa da Surdez não como deficiência e sim como diferença, sobretudo linguística. Conforme nos relata a professora Surda, Emiliana Rosa (2009, p. 19) a Comunidade Surda começa a “[...] desfraldar a bandeira surda, de mostrar-se, ergue-se e poder sinalizar em público sem ser apontados ou observar risos zombeteiros e olhares de piedade e curiosidade”.

É neste sentido que a Comunidade Surda assume sua cultura e tem conquistado visibilidade perante a sociedade, mostrando que o Surdo constrói uma identidade por meio do uso de uma língua expressa pelas mãos, constituída dentro de um sistema linguístico, tendo uma comunidade linguística sinalizante que apresenta características inerentes a uma modalidade de língua viso-gestual.

A partir de pesquisas linguísticas realizadas com a American Sign Language (ASL) por William Stokoe¹ nos anos 60, as línguas de sinais começaram a adquirir visibilidade social devido ao embasamento concreto que demonstrou a estrutura da comunicação sinalizada. Dessa forma, as línguas de sinais começaram a ganhar legitimidade. Consequentemente, em vários países, as línguas de sinais passaram a ser reconhecidas e utilizadas na educação bilíngue de alunos Surdos. No Brasil, nossa língua de sinais obteve seu reconhecimento no dia 24 de abril de 2002 pela lei n. 10.436, que reconhece a Libras como:

[...] a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Como consequência histórica do reconhecimento da Libras, surgiu o decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que veio regulamentar a educação em Libras para as pessoas Surdas. Neste sentido, a Libras e a LP, preferencialmente na modalidade escrita, devem constituir-se em línguas de instrução para alunos Surdos. O acesso às duas línguas deve ocorrer de forma simultânea no ambiente escolar, contribuindo para o desenvolvimento de todo o processo de escolarização.

William C. Stokoe (21 de julho de [1919](#) - [4 de abril](#) de [2000](#)), professor emérito da *Gallaudet University* e linguista americano pioneiro da pesquisa moderna sobre a linguística das línguas de sinais dos surdos.

2.3 DIREITOS CONTEMPORÂNEOS: A EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Apesar de reconhecer a Libras como língua da Comunidade Surda brasileira, a lei n. 10.436/02, também diz que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da LP. Mesmo que os Surdos se comuniquem em Libras e aprendam esta língua como L1, também necessitam utilizar e aprender a LP como segunda língua (L2), especialmente em sua modalidade escrita. Por tudo isso, para respeitar as particularidades de ser Surdo (PERLIN, 2003), o bilinguismo se torna uma alternativa necessária para a Educação de Surdos. Nas palavras de Rosa e Bento:

A história demonstra que, durante muito tempo, a língua de sinais ficou relegada a segundo plano, em vista da língua oral, falada pela comunidade ouvinte. Ao ter acesso à LIBRAS e à Língua Portuguesa, o surdo tem ao seu alcance uma gama de recursos linguísticos que auxiliam no seu desenvolvimento cognitivo e pedagógico. (ROSA; BENTO, 2010, p. 21).

Nesse contexto, percebemos a importância da Libras para a Educação de Surdos e também da LP, aprender a primeira contribui para o aprendizado da segunda, assim o aluno Surdo poderá utilizar as duas modalidades linguísticas. A língua e sua aquisição são determinantes no processo de aprendizagem dos alunos. É fundamental que a aquisição de uma língua estruturada possa fazer parte da educação que se destina para as pessoas Surdas.

O decreto n. 5.626 de 2005 regulamenta a proposta da educação bilíngue no Brasil, ou seja, o ensino para os Surdos através da Libras, sendo L1 – primeira língua, e a LP como L2 na sua modalidade escrita, tendo em vista o acesso das pessoas surdas à escola. Esse decreto traz outros direitos dos Surdos além da educação bilíngue, traz também o acesso à saúde mediado pela Libras.

Conforme estabelecido no decreto, a garantia e o direito à educação das pessoas Surdas estão expressos no Capítulo VI, Artigo 22, Incisos I e II:

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - Escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa. (BRASIL, 2005).

Na década de 80, a Suécia foi o primeiro país a introduzir a educação bilíngue, que se expandiu por países, como a Bélgica, Noruega, Uruguai, Estados Unidos, Dinamarca, Finlândia, Rússia, Islândia, Colômbia. No Brasil, essa também foi a época em que o bilinguismo começou a ganhar fundamentos, devido a estudos feitos pela pesquisadora Eulália Fernandes (1980) sobre a educação das pessoas Surdas, e também por outros estudos a respeito da Língua de Sinais, feitos pela linguista Lucinda Ferreira Brito.

A proposta bilíngue propõe o acesso às duas línguas, pois tal fato é determinante para o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes Surdos. Os estudos sobre essa proposta de ensino afirmam que as pessoas Surdas aprendem mais e melhor quando têm acesso às duas línguas. Tal como veremos no próximo capítulo, essa é a conclusão da pesquisa realizada pelo professor de psicologia Dr. Fernando César Capovilla da Universidade de São Paulo (USP). Com os resultados obtidos em sua pesquisa nacional, Capovilla (2011) demonstrou que os alunos Surdos aprendem mais e melhor em escolas que utilizam a Libras e a LP no ensino-aprendizagem do que em escolas comuns (com português apenas) – o que demonstra a importância crucial da escola bilíngue para os sujeitos Surdos.

No que se refere à inserção das pessoas Surdas na sociedade e ao acesso à educação bilíngue, Mainieri enfatiza que:

O objetivo é que o surdo possa acessar as duas línguas, sendo a língua de sinais (natural para ele) o instrumento de contato com a língua oficial do país, seja ela na modalidade oral e/ou escrita. O que definirá a inserção na L2, seja na forma oral e/ou escrita, são as condições do próprio aluno e o contexto familiar e social em que se insere. (MAINIERI, 2011, p. 99).

A educação bilíngue consiste no acesso às duas línguas, para que o ensino e a aprendizagem se constituam a partir destas. Essa proposta oferece a aquisição de uma Língua de Sinais bem como a aquisição de uma segunda língua. As duas respectivas a cada país. No caso do Brasil, a Libras e a LP. Nesse sentido, no que diz respeito ao processo de escolarização a esta modalidade de ensino, Oliveira diz o seguinte:

Admite-se no modelo bilíngue que a criança surda seja exposta o mais cedo possível à língua de sinais, a fim de aprender a usar naturalmente a língua nas mesmas condições em que as crianças ouvintes aprendem a falar. A intenção é que, desenvolvendo ao máximo e da melhor forma sua competência linguística em sua língua natural, esta servirá depois como base para o aprendizado da segunda língua. O objetivo da educação bilíngue é que a criança surda possa ter um desenvolvimento cognitivo-linguístico equivalente ao verificado na criança ouvinte, e que possa desenvolver uma relação harmoniosa também com ouvintes. (OLIVEIRA, 2011, p. 76-77).

Reafirmo, portanto, a importância que tem a escola bilíngue na vida de uma pessoa Surda. Contudo, gostaria de ressaltar que é necessário um preparo adequado dos profissionais que atuam nas instituições educativas, especialmente a proficiência dos professores nas duas línguas, e a utilização de metodologias adequadas para o ensino e a aprendizagem de ambas. Vale salientar a responsabilidade da unidade de ensino como um todo, para que funcione como planejado e alcance os objetivos almejados para atender a sua clientela – ou seja, todos na escola, incluindo funcionários administrativos, devem aprender a se comunicar em língua de sinais.

O MEC exerce a função de desenvolvimento da política de inclusão com intuito de modificar o ensino regular, como também o especial, através de ações e diretrizes que surgiram com o objetivo de modificar os serviços de atendimento que contemplem os alunos com necessidades especiais. Neste sentido, no que diz respeito à inclusão da Libras, a atual política do MEC incentiva a criação de novos cursos superiores de Letras/Libras até o ano de 2014.

Com base, na proposta do Programa “Viver sem limites”, o MEC tem como objetivo disponibilizar cursos para os docentes de Letras-Libras e de Pedagogia com o currículo voltado para a formação em educação bilíngue, e também para a formação de tradutores e intérpretes de Libras e de LP.

No contexto da Educação Básica, o MEC tem estimulado a inserção dos alunos Surdos em salas comuns, onde a língua de instrução seja o Português para todos os alunos. Na prática, a Libras é relegada ao Atendimento Educacional Especializado, mais conhecido como AEE, apenas como atividade complementar. Esse atendimento é realizado em horário oposto ao que o aluno estuda e assim, Libras não é utilizada como língua de instrução para a criança surda na escola regular.

A Educação dos Surdos ainda é um desafio para a sociedade atual. É neste sentido, que a Comunidade Surda luta por uma educação de qualidade, pautada na

proposta bilíngue, comprovadamente a mais eficaz, porém os estudantes Surdos vivenciam hoje, no seu contexto escolar, uma educação para estudantes ouvintes.

2.4 ACONTECIMENTOS RECENTES NO CONTEXTO BRASILEIRO

Desde o ano de sua fundação em 1857, o atual INES no Rio de Janeiro, foi o berço da Libras e da Cultura Surda no Brasil. A instituição funcionava em regime de internato, abrigando diversas pessoas de diversas regiões do Brasil. Em, 2011 houve uma ameaça de fechamento do INES, o que levou à mobilização de cerca de quatro mil pessoas em defesa de uma educação bilíngue e da manutenção da centenária instituição.

As manifestações aconteceram em dois dias, no mês de maio de 2011, na cidade de Brasília. As reivindicações se deram a partir do não fechamento do INES. A luta também se configurou em prol da Educação dos Surdos em escolas bilíngues. A Revista da Feneis n.01 de 2011 contém reportagens sobre as manifestações realizadas pelas pessoas envolvidas nesta mobilização. Patrícia Rezende, diretora da (Feneis), representou os Surdos, com o seu discurso:

Nós surdos não podemos nos acomodar com a covardia que os gestores do MEC têm feito contra a nossa cultura. Inventam um modelo de inclusão que fere todos os nossos direitos, garantidos pelas leis brasileiras e pelos documentos internacionais. (REVISTA FENEIS, 2011, p. 12).

Outro depoimento, dado por uma criança surda em meio às manifestações públicas em Brasília, também nos chama a atenção para a importância da educação bilíngue de Surdos. Trata-se de uma declaração feita por uma criança de nove anos, seu nome é Ana Luiza, cujo relato diz o seguinte:

Na escola dos ouvintes não temos com quem conversar. Na escola de surdos é mais fácil. Se um surdo não sabe se comunicar, nós ensinamos Libras para ele e ele se desenvolve. Em uma escola onde o professor só fala, como vamos entender ele? Somos surdos! (REVISTA FENEIS, 2011, p. 14).

É comprovado que a proposta bilíngue atua de maneira significativa para alfabetizar e socializar, sendo capaz também de promover a verdadeira inclusão dos sujeitos Surdos. Os anseios dos Surdos brasileiros foram explicitados nesse amplo

protesto, que se consolidou como um marco registrado na história recente da Comunidade Surda.

O modelo educacional vigente apresenta-se insuficiente, precário e vergonhoso, já que não garante um atendimento de qualidade e uma aprendizagem adequada aos Surdos. O que se tem negado à Comunidade Surda é justamente aquilo que é o mais importante para sua educação: a possibilidade de aprender a própria língua, comunicar-se com ela e ter acesso pleno aos demais conteúdos curriculares. Sem a Libras como língua de instrução, os Surdos perdem a possibilidade de interagir no meio social, bem como ter uma participação ativa nas mais variadas esferas sociais. Como qualquer ser humano, uma criança Surda necessita de uma língua estruturada e fluente para o desenvolvimento de suas funções cognitivas, especialmente o pensamento, daí advém a necessidade de aquisição da língua de sinais para a troca de informações, expressão de sentimentos e interação linguística plena com os membros da comunidade.

2.5 A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA E DA HISTÓRIA

No momento em que nos esbarramos com fatos já ocorridos e que não fazem parte do presente, o que devemos buscar é voltar ao passado tornando-o concreto, a partir da observação de um conteúdo ou de um objeto que trazem diversas interpretações com significado atrelado ao tempo. A memória pode ser ativada por um cheiro, por uma música, e até por cicatrizes de feridas da vida, enfim, a experiência, por ser viva, sempre deixa lembranças que a memória pode resgatar.

A memória, enquanto faculdade humana, é capaz de nos transportar para lugares, ou seja, ela estabelece uma conexão com referências do espaço, o que Freud (2006/1901) denominava de lugares da memória, que existem por elementos que podem ser preservados ao longo da história de vida de uma pessoa, apoiando-se, indissolavelmente, entre referências de memória e lugar. Dessa forma, o passado, compartilhado por uma coletividade, pode ser visto como âncora das memórias de um lugar e vivenciado como memória individual e ou coletiva. Tais memórias são compartilhadas pela maioria da sociedade que constitui identidade histórica de um povo ou de uma coletividade.

Barthel (2009) informa que alguns pesquisadores descrevem a memória como conjunto de “conectores” sendo que os lugares servem como auxiliares mnemônicos, pois

são eles que nos lembram das nossas memórias, sejam individuais ou coletivas, e que nos levam certamente à investigação das memórias sociais.

Segundo Lewicka (1998), em seus estudos que tratam sobre vestígios históricos e lembretes urbanos, os restos de habitantes anteriores de um lugar podem influenciar a memória dos novos habitantes e, através da veiculação das informações históricas, estes vestígios podem despertar a curiosidade e aumentar a motivação para descobrir passados esquecidos do lugar.

Entretanto a memória contribui para a sensação de continuidade, proporcionando às pessoas o sentimento de identidade individual e coletiva. A memória remodelada, a partir de suas formas coletivas, gera uma identidade coerente por meio da narrativa nacional em um lugar no mundo. Esse senso de identidade por meio da memória é, em grande parte, o que nos define enquanto pessoas e também como sociedade.

Relacionar memórias e identidades é um recurso que, muitas vezes, pode ser contestado em função da relação de significados que são atribuídos à memória, o que pode, por exemplo, apresentar-se como uma memória dolorosa da escravidão, das guerras. Estas memórias podem ser evocadas de formas distintas, ou seja, há uma memória de quem escraviza e outra de quem está na condição de escravo; uma memória para quem venceu a guerra e outra para quem foi vencido. Logo, as manifestações da memória nas pessoas acontecem de diferentes formas, a depender da posição de cada um em relação aos acontecimentos.

A história de um lugar, de um povo, pode ser vista de diversas formas ao longo do tempo e interpretada conforme o olhar de quem a interpreta, ainda que este esteja sujeito à condição da pessoa humana também em processo de mudança histórica. Portanto, o lugar da memória transcende uma interpretação específica onde o foco de opiniões pode divergir sobre a memória que pode ser sentida e expressa a partir da continuidade da existência do lugar. Assim, a abordagem histórica permite a revisão, a reavaliação e a reinterpretção das memórias ao longo do tempo, a existência do lugar permite que novas memórias sejam criadas.

A memória da Comunidade Surda, hoje, no Brasil, expressa-se a partir dos registros deixados ao longo da história, bem como na contemporaneidade, com as interferências na história social construída pelo olhar dos que ouvem.

Compreender a história a partir da conexão entre lugar e a memória, como sugeri acima, revela uma preocupação com a busca da verdade, que está centrada na busca do aspecto epistemológico do fato histórico, ou seja, na busca de um fundamento para que

um “outro” estudo histórico possa ser proposto. Segundo Wrigley (1996), a epistemologia da história pode ser vista como um problema de epistemologia social, imbricado nas relações de poder e conhecimento.

Nessa visão da memória e da história, não podemos utilizar a noção de verdade única na pesquisa histórica, buscamos enxergar as descontinuidades, as rupturas que marcam épocas. Cada época diz respeito às questões em circulação naquele momento, por isso podemos entender que um momento é descontínuo em relação a outro porque eles não comungam das mesmas regras e padrões de pensamento. No caso da visão dos Surdos pelo olhar do ouvinte:

As ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem, se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez, numa versão que amplia e exagera os mecanismos da pedagogia corretiva, instaurada nos princípios do século XX e vigente até nossos dias. Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela benevolência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais, que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR, 1998, p. 7).

A construção da identidade da Comunidade Surda é reflexo do processo da trajetória histórica e dos marcos impressos por ela no devir da história e da memória de Surdos e ouvintes. Sendo assim, é importante ponderar o quanto somos seres inacabados e neste sentido, Skliar (1998) nos mostra como é fundamental refletir sobre o que é identidade, pois nenhuma está pronta, acabada e ou possui um grau de autenticidade e normatividade, ou seja, todas elas são negociadas, pois são frutos de discursos e da transitoriedade da linguagem.

3 TICS, EDUCAÇÃO BILÍNGUE E LIBRAS: CAMINHOS POSSÍVEIS

Tornar acessível o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos nos faz pensar que o currículo escolar não está fechado e pode ser flexível, atendendo as necessidades desses estudantes que trazem saberes e experiências distintas umas das outras.

A partir de sondagens que realizei no processo educacional dos alunos do Ensino Fundamental I e II da Escola Marizanda Dantas da Apada-Ba, verifiquei que eles apresentavam pouco conhecimento acerca da história dos Surdos na sociedade. Logo, ficava evidente para mim a necessidade de pesquisar fatos históricos importantes que representam para a Comunidade Surda elementos de afirmação de sua identidade e de sua cultura.

O contato com a história nos possibilita compreender o processo de mudanças na sociedade por meio das transformações econômicas, sociais, políticas, religiosas, ideológicas e jurídicas. Neste sentido, a história nos auxilia, proporcionando investigar o passado e as mudanças nos contextos sociais em que ocorreram, produzindo sentidos para a vida na sociedade atual. Podemos considerar que o Museu Virtual HMCS tem como proposta servir como instrumento didático para a melhora da qualidade do processo de ensino e aprendizagem de alunos Surdos, que terão contato com conhecimentos significativos, que poderão ser trabalhados de forma interdisciplinar.

Elaborei esta proposta do museu, a partir de uma inquietação que pode ser traduzida com a seguinte pergunta:

- Como o Museu Virtual HMCS pode contribuir como estratégia metodológica na Educação de Surdos, melhorando a qualidade do processo de ensino e aprendizagem, ampliando a inserção tecnológica, a inclusão pedagógica, linguística e cultural dos alunos Surdos?

3.1 A IMPORTÂNCIA DAS TICs

Com o avanço da tecnologia, diversos recursos foram criados para facilitar a vida do ser humano. Um dos avanços mais importantes foi o surgimento das tecnologias de

informações e comunicação (TICs). Segundo Vasconcelos (2001), as TICs estão propiciando uma mudança considerável nas diversas atividades pessoais, afetando valores, identidades, formas de trabalho e de expressão. Neste contexto, acreditamos que os usos das tecnologias podem contribuir como instrumento para o aprendizado dos alunos Surdos.

Hetkowski (2004, p.22) afirma que a presença das TICs no ensino pode tornar realidade os discursos de democratização da Educação, pois suas potencialidades e as suas possibilidades oportunizam desenvolver um movimento educacional, ou seja, incluir as TICs nas práticas pedagógicas do cotidiano em sala de aula onde os alunos Surdos podem interagir, trocar experiências, ampliar vocabulário, etc... o que resulta em múltiplas formas de aprendizagem significativa.

Com o advento da internet e sua evolução, as informações chegam às pessoas rapidamente; o uso dos diversos instrumentos das TICs propicia, sobretudo, interação e, conseqüentemente, aprendizagem. Por exemplo, o *site* YouTube hoje é usado para compartilhar vídeos em todo o mundo, difundindo informação de forma visual e dinâmica entre as pessoas. A Comunidade Surda utiliza com frequência a internet, estando conectada com o mundo, o que minimiza as barreiras comunicacionais entre pessoas Surdas, bem como entre elas e as pessoas ouvintes.

O desenvolvimento educacional dos alunos Surdos que estão nas escolas comuns é comprometido e limitado, devido às evidentes barreiras linguísticas na mediação entre professores e alunos em sala de aula. Quero ressaltar a importância da ludicidade do ambiente virtual, que, conciliada ao fazer pedagógico, traz resultados enriquecedores, facilitando estes processos de mediação entre professores e alunos Surdos em diferentes contextos.

Como a Lei de reconhecimento da Libras (Lei 10.436; BRASIL,2002) afirma que esta língua não poderá substituir a modalidade escrita da LP, a Educação de Surdos há de ser necessariamente bilíngue – fato reconhecido pelo decreto de regulamentação da Libras (decreto 5.626, BRASIL, 2005). Segundo a linguista Lucinda Ferreira Brito (1993), numa linha bilíngue, o ensino necessita proporcionar todas as experiências linguísticas em Libras como primeira língua aos alunos Surdos, e, depois, a LP deve ser ensinada como segunda língua em sua forma escrita.

Levando em conta estas considerações de ordem linguística, o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, regulamenta a lei que reconhece Libras como língua própria da

Comunidade Surda brasileira e legitima o direito do ensino bilíngue aos alunos Surdos respeitando suas especificidades linguísticas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394 de 1996 (Brasil, 2004, p. 102), fala da necessidade de “preparar o indivíduo para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos”. Em seu artigo 32, a LDB vigente salienta que: “o aluno de ensino fundamental deve possuir compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores que fundamentam a sociedade” (BRASIL, 2008, p. 25). Tanto a preparação para o uso dos recursos científicos e tecnológicos, quanto a compreensão da natureza e da sociedade, devem ter início na Educação Básica, em seus níveis fundamental e médio.

Seguindo a mesma proposição iniciada pela LDB, a Conferência Nacional da Educação Básica de 2008, destaca o papel da escola no processo de inclusão digital: “o uso das tecnologias e conteúdos multimidiáticos na educação implica ressaltar o importante papel da escola como ambiente de inclusão digital, numa sociedade ancorada nas informações, por meio de tecnologias de comunicação e informação” (BRASIL, 2008, p. 18).

Atualmente, as TICs são muito utilizadas pelos Surdos, e foi por isso que tive a ideia de associar aprendizagem significativa ao museu virtual como proposta pedagógica para tornar as aulas mais participativas. O Museu Virtual permite ampliar as experiências individuais do visitante por meio das estratégias que o educador vier a utilizar para “guiar” a visita virtual, à medida que as percepções variam de acordo com a singularidade de cada aluno em relação aos objetivos propostos pelo educador.

3.2 A PROPOSTA DO MUSEU VIRTUAL: TICs NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Para Studart (2005), os museus, sejam eles de artes, ciências, tecnologia ou antropologia são, por excelência, locais de observação, interação e reflexão. Dessa forma, muitas narrativas, a partir da história dos próprios Surdos, poderão ser construídas tendo como base a realidade de outras épocas, a memória de povos e civilizações antigas, todo este conteúdo deverá ser relacionado ao mundo contemporâneo no qual estamos inseridos.

A proposta do Museu Virtual surgiu a partir da interação em sala de aula com a Comunidade Surda escolar na Escola Marizanda Dantas para suscitar no alunado, formado por adolescentes e jovens Surdos, o interesse por conhecer a história que

perpassa à formação do ser Surdo (PERLIN, 2003), não como deficiente, mas como cidadãos empoderados com base em direitos estabelecidos em leis.

Partindo das minhas inquietações, ao desenvolver o trabalho, tive como propósito concreto tornar mais significativo o processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos, considerando as diferenças entre Surdos e ouvintes, sobretudo, linguísticas, para favorecer uma maior autonomia comunicativa para o alunado Surdo. Como principal propósito desta pesquisa participante, procurei disponibilizar o Museu Virtual como ferramenta de construção do conhecimento significativo para os alunos Surdos. Usando a Libras como língua natural dos alunos Surdos nas atividades desenvolvidas com o museu, eles puderam aprender elementos novos da própria Libras, bem como aspectos da LP escrita, a partir de conteúdos significativos de cunho histórico. Para mim, oferecer o Museu Virtual à Comunidade Surda é propiciar a esses alunos a utilização da tecnologia digital aplicada à educação, de modo que esta atenda suas especificidades.

O projeto de pesquisa participante para construção do Museu Virtual foi desenvolvido no contexto da Apada-Ba, cuja proposta educacional também está voltada para o uso das TICs. O museu tem como proposta apresentar a história das pessoas Surdas que se destacaram ao longo da história, através de um recorte temporal de fatos marcantes nas vidas destas personalidades que viveram entre os séculos XV e XXI. Tratam-se de exemplos de vida que mostram como os considerados “deficientes” podem passar de “excluídos” a “incluídos” a partir de seus próprios esforços e vitórias.

Foi exatamente nesse ambiente escolar da Apada-BA, o campo de execução da pesquisa apresentada, onde foram realizados encontros formativos com duas turmas, do Ensino Fundamental I e II.

Acredito que o papel da educação é proporcionar um processo de ensino-aprendizagem com qualidade a qualquer aluno, inserindo, nesse processo, todos os que por ela procuram, buscando um modo de transformação da própria realidade.

Por isso, ao elaborar minha proposta, parti dos pressupostos do pleno desenvolvimento pedagógico e linguístico do educando Surdo, valorizando suas potencialidades.

Gostaria de salientar que é função da escola “ensinar tudo a todos”, e que os princípios teóricos norteadores das propostas pedagógicas devem desenvolver e proporcionar o aprendizado de novas competências, assim como as adaptações curriculares, físicas e também sociais que crianças, jovens e adultos necessitam para ter acesso a uma educação com qualidade. Mostrar que a política de inclusão não consiste

“apenas” em fundamentos legais e filosóficos, mas também representa reelaboração de conceitos, ousadia e mudanças de paradigmas, para aqueles que priorizam a pessoa e suas características.

Possibilitar a transformação da realidade social, tornar possível o relacionamento constante entre o sujeito, o objeto e o meio, que permite a construção e a transformação de conceitos e preconceitos, favorecendo diretamente o entendimento e a efetivação do processo de aprendizagem, além de assegurar uma formação para todos, priorizando a cada um, independentemente de suas limitações ou deficiências – eis o ideal que me moveu no processo de realização deste trabalho.

Entendo ser extremamente necessário, na contemporaneidade, assegurar aos estudantes Surdos uma educação que atenda suas especificidades legitimando direitos conquistados recentemente com o reconhecimento e a regulamentação da Libras (BRASIL, 2002, 2005). Até bem pouco tempo atrás, a educação que se oferecia aos Surdos não passava de um processo que os manteve copistas – o que refletiu diretamente no desenvolvimento escolar de muitos alunos, que ficaram alienados de saberes necessários ao progresso acadêmico como estudantes.

Apesar de sabermos que a educação é um direito de todos e é garantida pela Constituição Brasileira, o sistema educacional, infelizmente, não acolhe a todos que por ele procuram, ou seja, é um sistema que também segrega. Por esse motivo, em geral, o índice de escolaridade dos estudantes Surdos é baixíssimo, pois, apesar de eles permanecerem por muitos anos na escola (condenados à repetição de séries), seguem, em sua maioria, com baixo desempenho escolar. Isto se deve, em grande parte, à falta de professores que se comuniquem em Libras nas escolas regulares, bem como à pouca utilização de novas TICs aplicadas à Educação de Surdos.

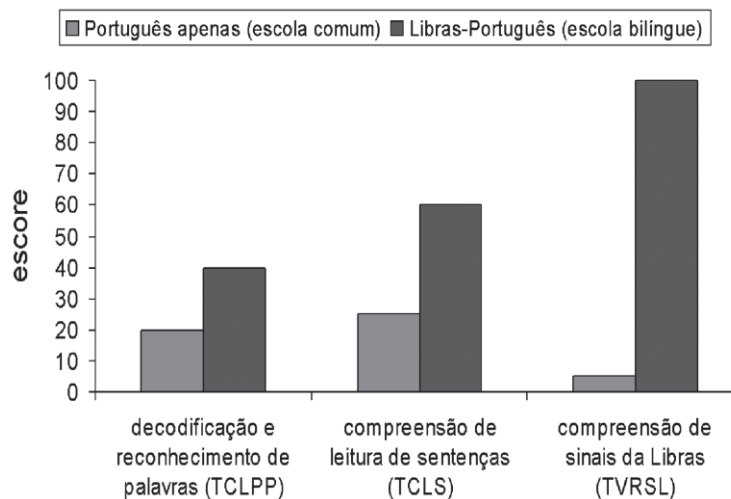
3.3 A IMPORTÂNCIA DA LIBRAS E DA EDUCAÇÃO BILINGUE

A comunicação em Libras é vital para os alunos Surdos. Uma pesquisa realizada pelo professor Dr. Fernando Capovilla³ (2010), no período de 10 anos, de 1999 a 2009,

³ Fernando César Capovilla, é psicólogo pela PUC-Campinas (1982), mestre em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento pela Universidade de Brasília (UnB, 1984); Ph.D. em Psicologia Experimental pela *Temple University of Philadelphia* (1989), com medalha de *Outstanding Achievement Award pela Pennsylvania Psychological Association*; Livre docente em Neuropsicologia pelo Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo (USP, 2000), com tese em Dicionarização da Libras.

com 9.200 Surdos, com idades entre 6 e 40 anos, de 15 estados em todas as regiões do Brasil, avaliou o desenvolvimento de competências cognitivas, linguísticas e escolares dos Surdos. Vejamos com o gráfico a seguir o que acontece com os estudantes Surdos nas diferentes escolas, com as diferentes línguas de instrução, em relação às três competências básicas:

Gráfico 1



Fonte: Efeito da alocação escolar (escolas bilíngues especiais versus escolas monolíngues comuns), e língua de ensino (Libras-Português versus Português apenas) sobre escores de decodificação e reconhecimento de palavras, compreensão de texto, e vocabulário em Libras de 9.200 surdos. (CAPOVILLA, 2011, p. 87)

Os resultados da pesquisa evidenciados pelo gráfico comprovam que quanto mais entendimento de sinais da Libras, mais os alunos Surdos são capazes de decodificar palavras e compreender sentenças em português escrito. Os alunos Surdos das escolas bilíngues têm, pelo menos, o dobro dos escores nas duas competências que envolvem a LP escrita que seus colegas que se encontram em escolas onde não se comunicam em Libras. Capovilla (2011, p.87) conclui: “Os resultados mostram que os estudantes Surdos aprendem mais e melhor em escolas bilíngues (escolas especiais que ensinam em Libras/português) do que em escolas monolíngues (escolas comuns que ensinam em português apenas)”. Os resultados são claríssimos e não deixam dúvida quanto a importância da comunicação em Libras para os alunos Surdos. Com base nos resultados consistentes de sua pesquisa, Capovilla (2011) critica a política de fechamento das escolas bilíngues:

Apesar da lei federal que reconhece a Libras como idioma de comunicação legítimo da comunidade surda brasileira, e apesar do decreto federal que determina o ensino e a difusão da Libras, outro recente decreto federal determinou que os estudantes surdos sejam removidos das escolas bilíngues e matriculados em escolas comuns, sob pena de retenção dos recursos do Fundeb. O problema é que as escolas comuns que estão sendo forçadas a aceitar as matrículas de crianças surdas e a educá-las ainda são totalmente despreparadas para a comunicação em Libras e o ensino em Libras. Consequentemente, as crianças surdas estão sendo privadas da única comunidade escolar capaz de prover educação de verdade em sua língua materna. (CAPOVILLA, 2011, p.78)

Capovilla (2011) afirma que os Surdos aprendem mais e melhor quando Libras é a língua de instrução. É por meio da comunicação em língua de sinais que o alunado Surdo poderá aprender o português escrito. Por essa razão, os estudantes Surdos matriculados nas escolas comuns, onde a língua de sinais não é a língua que intermedia a aprendizagem, ficam em desvantagem em relação aos demais Surdos que estudam em escolas bilíngues, onde a Libras é utilizada como língua de interação e instrução. O fracasso escolar dos Surdos se deve, em grande medida, às dificuldades de comunicação nas escolas para ouvintes. A falta de interação em Libras não favorece a aprendizagem e o progresso dos alunos Surdos, que precisam estar em contato com a Comunidade Surda e com a escola bilíngue, onde aprendem de forma natural sua língua, tornando-se escolarizados e cidadãos.

As línguas naturais têm a importante função de suporte do pensamento, função está frequentemente ignorada por especialistas envolvidos na educação do surdo que consideram a Língua apenas como meio de comunicação [...]. As línguas de sinais, por serem naturais e de fácil acesso para os surdos, são extremamente importantes para o preenchimento da função cognitiva e suporte do pensamento. (BRITO, 1993, p. 34).

Já para Felipe (2004), a linguagem é a capacidade do homem de se comunicar por meio de uma língua, seja ela oral-auditiva ou gestual-visual, pois o homem é um ser social, que precisa se comunicar e viver em comunidade, compreendendo que a linguagem verbal não é a única forma de intercâmbio de informações.

É através do reconhecimento político, compreendido sobre a diferença que a língua, a identidade, a cultura e a educação são construídas historicamente e socialmente. Para Skliar (1998), faz-se necessário pensar a surdez como diferença;

pensá-la dentro de uma perspectiva geral da educação, criticando, sim, os discursos clínicos, a medicalização, a ouvintização⁴ no processo educacional dos Surdos.

Compartilhar a vida em sociedade é algo que requer comunicação e, esta, por sua vez, requer um substrato linguístico, pois estes são processos necessários para o desenvolvimento de todo ser humano. Sendo assim, tal como a LP é fundamental para as pessoas ouvintes, a Libras é fundamental para os Surdos. Mas, ainda nos dias de hoje, muitos Surdos enfrentam dificuldades na comunicação, pois são poucas as pessoas ouvintes que têm o conhecimento da Libras, para além dos próprios Surdos da comunidade. O fato é que a maior parte da população ouvinte desconhece a Libras completamente.

A Libras foi reconhecida no Brasil como língua da Comunidade Surda brasileira durante o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso no ano de 2002. A língua é viva e está em constante mudança e representa poder para quem a domina. Assim é a Libras para a Comunidade Surda:

Quando eu aceito a língua de outra pessoa, eu aceito a pessoa. Quando eu rejeito a língua, eu rejeitei a pessoa porque a língua é parte de nós mesmos. Quando eu aceito a língua de sinais, eu aceito o surdo, e é importante ter sempre em mente que o surdo tem o direito de ser surdo. Nós não devemos mudá-los, devemos ensiná-los, ajudá-los, mas temos que permitir-lhe ser surdo. (BASILIER, 1993).

3.4 ASPECTOS DA LIBRAS ENQUANTO LÍNGUA

A Libras é uma língua constituída de sinais, e, a partir da articulação deste com outros parâmetros linguísticos, estabelece relações e algumas semelhanças com LP, mas também muitas diferenças, sendo um sistema linguístico pouco compreensível para os falantes da língua majoritária oral.

É importante ressaltar que Libras é, de fato, uma língua, assim como o português, o espanhol, o inglês e o italiano. A Libras também é diferente de outras línguas de sinais, como a American sign language (ASL) e a Língua gestual portuguesa (LGP). As línguas

⁴ Skliar (1998) esclarece que: “O ouvintismo – as **representações dos ouvintes** sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo” (SKLIAR, 1998, p.15, grifos meus). O autor comenta ainda a principal consequência do ouvintismo: “O nosso problema, em consequência, não é a surdez, não são os surdos, não são as identidades surdas, não é a língua de sinais, mas, sim, **as representações dominantes**, hegemônicas e “**ouvintistas**” sobre as identidades surdas, a língua de sinais, a surdez e os surdos” (SKLIAR, 1998, p. 30, grifos meus em negrito).

de sinais não são universais. Através dessa língua, as pessoas também podem expressar suas ideias, seus sentimentos, emoções, trocar informações e tecer opiniões.

Partindo destes pressupostos, é legítimo afirmar que no momento em que os Surdos adquirem o direito linguístico de se comunicar por meio de uma língua de sinais, esta começa a fazer parte da vida do Surdo. Desencadeia-se, a partir daí, um processo de construção identitário. Por isso, a Libras é tão importante e deve ser a língua de instrução, inserida no processo de ensino-aprendizagem das crianças Surdas desde os seus primeiros anos de vida. O quanto antes for introduzida na educação dos Surdos, a Libras proporcionará a eles as condições favoráveis ao desenvolvimento e à comunicação plenos.

Por muitos anos, ficou registrado, no imaginário popular, o preconceito de que a língua de sinais não passava de um amontoado de gestos sem significados e fundamentos; que era uma linguagem primitiva e provida de características pantomímicas e rudimentares. Ao longo da história, muitos mitos velados foram atribuídos à língua de sinais, dentre eles o de que esta não se constituía como língua, sendo uma forma de comunicação “pobre” e que os sinais eram a língua oral representada nas mãos dos Surdos sinalizantes. Entretanto, as pesquisas linguísticas realizadas permitiram a desconstrução de muitos destes mitos. Pesquisadores e estudiosos como Stokoe (1960), Quadros e Karnopp (2004), entre outros, demonstraram as propriedades linguísticas singulares de línguas de sinais como a ASL e a Libras, tornando-as línguas legítimas, eficientes e independentes, com o mesmo *status* linguístico de qualquer língua oral.

Quadros e Karnopp (2004) em sua obra “Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos” desmitificam seis ideias a respeito da língua de sinais ainda vivas no imaginário das pessoas ouvintes até os dias de hoje. Um dos mitos ainda presentes é o seguinte: “A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos” (QUADROS; KARNOPP, 2004. p. 31). Contudo, como as outras línguas, a Libras apresenta estrutura gramatical própria. Assim, afirma Oliveira:

Os sinais são formados por meio da combinação de formas e de movimentos das mãos e de pontos de referência no corpo ou no espaço. Sua estrutura gramatical é constituída a partir de cinco parâmetros: a) configuração das mãos; b) ponto de articulação; c) movimento; d) orientação e direcionalidade; e) expressões faciais e/ou corporais. (OLIVEIRA, 2011, p. 91)

Diante do exposto, pode-se afirmar que uma língua viso-gestual não se forma da mesma maneira que uma língua oral. Cada uma tem as suas peculiaridades que vêm de suas características e possibilidades essenciais, e, sendo assim, a língua oral não é modelo, nem superior à língua de sinais como muitas pessoas ouvintes, mal informadas, acreditam de forma preconceituosa.

A Libras possui todas as características linguísticas necessárias para ser considerada uma língua em pé de igualdade com as demais. Trata-se de uma língua certamente capaz de gerar aprendizagens significativas como as línguas orais, levando-se em conta as suas regras próprias. Portanto, é fundamental que haja uma inserção da Libras na educação dos próprios Surdos, incluindo-a também nas TICs utilizadas para esta finalidade. Uma escola em língua de sinais dá maior significado à vida das pessoas Surdas, justamente porque prioriza para ela o primeiro direito – o de viver e se comunicar na própria língua. A escolaridade significativa em Libras possibilita ao aluno Surdo, e à comunidade, aprender a lutar por outros direitos fundamentais.

O que se espera, de fato, é que a Libras, a partir de seu reconhecimento, seja respeitada, inserida e obrigatória na educação dos estudantes Surdos, assim como estabelece a lei.

A Língua de Sinais é, nas mãos de seus mestres, uma linguagem das mais belas e expressivas, para a qual, no contato entre si e como um meio de alcançar de forma fácil e rápida a mente do surdo, nem a natureza nem a arte proporcionaram um substituto satisfatório. [...] É impossível para aqueles que não compreendem essa linguagem perceberem suas possibilidades com os surdos, sua enorme influência sobre a felicidade moral e social dos que são privados da audição e sua maravilhosa capacidade de levar o pensamento a intelectos que de outra forma ficariam em perpétua escuridão. Também não podem avaliar sua importância para os surdos. Enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais. (LONG, J. S, 1989).

Os registros históricos da memória coletiva dos Surdos ajudam a contar a própria história deste povo para ele mesmo, a partir de diferentes olhares. Respeitando a singularidade das narrativas Surdas, um outro sentido para a vida e para a educação pode ser construído a partir de uma história que está em constante construção, desconstrução e reconstrução.

Uma vez que línguas de sinais como a ASL e a Libras (dentre outras) são objeto de pesquisa científica de cunho linguístico, estas línguas ganham notoriedade social e

reconhecimento legal. A partir daí, as línguas de sinais passam a ser encaradas como disciplinas acadêmicas e passam fazer parte dos currículos como elementos obrigatórios da formação de profissionais que trabalham com Surdos e dos próprios Surdos. Stokoe (1960) foi o primeiro pesquisador a demonstrar a complexidade de uma língua de sinais, no caso a ASL, afirmando a independência de suas propriedades em relação às línguas orais, no caso o inglês estadunidense.

Além do reconhecimento linguístico da ASL, Stokoe compreendeu que esta língua era uma manifestação cultural autêntica da Comunidade Surda estadunidense, sendo esta uma língua diferente da língua oral-auditiva inglesa, por ser expressa no espaço de forma viso-gestual. Apesar das diferenças, línguas de sinais e línguas orais atendem ao mesmo propósito: a comunicação humana.

4 CAMINHOS PERCORRIDOS: PARA A CONSTRUÇÃO DO MUSEU VIRTUAL

A proposta do Museu Virtual surgiu a partir da minha interação em sala de aula com a comunidade escolar formada por adolescentes e jovens Surdos da Escola Marizanda Dantas. Procurei suscitar no alunado o interesse por conhecer a história que perpassa a formação do ser Surdo (PERLIN, 2003), que vê as pessoas Surdas não como deficientes, mas como cidadãos empoderados com base em direitos estabelecidos em leis.

Levei para sala de aula diversas imagens, apresentando recortes da história dos Surdos. Apesar de os encontros formativos terem sido muito estimulantes, vários encontros precisaram ser realizados para chegar ao objetivo final estabelecido no projeto. Dentre outros motivos, entendo que isto ocorreu porque os alunos apresentavam um desconhecimento parcial sobre a história que diz respeito às questões da Surdez. Notei que eles traziam algumas informações, porém desvinculadas de um sentido de identidade e Cultura Surdas. Apesar das dificuldades que enfrentei, o projeto desenvolvido permitiu o acesso a diversos saberes para estes alunos. A ideia da pesquisa surgiu a partir dessa lacuna que observei no processo formativo dos alunos Surdos, bem como pelo interesse deles próprios em saber mais sobre os antecedentes históricos da Comunidade Surda – fato que possibilitou a realização do trabalho.

Primeiramente, compartilhei a proposta com a direção da associação, representada pela Sra. Marizanda Dantas e com a direção da escola, a Sra. Natália Verônica Dantas. Depois marquei uma reunião, no mês de abril, com a coordenação pedagógica e com professores com objetivo de ouvi-los para compreender suas necessidades e escolher as turmas que participariam do projeto.

O tipo de pesquisa que realizei envolve o campo das relações humanas, a partilha de conhecimentos, a participação social, bem como a construção conjunta de saberes e valores. Por esta razão, o trabalho desenvolvido pode ser compreendido como uma modalidade de pesquisa participante (BRANDÃO; STRECK, 2006). Isto porque o projeto envolveu a interação com os alunos Surdos que, de forma direta e ativa, participaram do processo de construção do museu, cujo conteúdo diz respeito à história da própria Comunidade Surda.

A pesquisa participante deve ser compreendida como um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimento destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na sequência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos. Experiências que sonham substituir o antigo monótono eixo: pesquisador / pesquisado, conhecedor / conhecido, cientista / cientificado, pela aventura perigosa, mas historicamente urgente e inevitável, da criação de redes, teias e tramas formadas por diferentes categorias entre iguais / diferentes sabedores solidários do que de fato importa saber. (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 12).

Ao apresentar a proposta de construção do Museu Virtual, eu esperava dos estudantes um retorno que sinalizasse para mim o que poderia ser de fato significativo para eles. Neste sentido, a intenção da pesquisa foi possibilitar para os alunos a construção de um olhar crítico sobre a história dos Surdos, que resultasse numa reestruturação do conceito de Surdez, entendida como diferença cultural, identitária e linguística, e não como uma mera deficiência.

Os atores sociais da instituição e eu escolhemos as turmas do Ensino Fundamental II do turno vespertino, formada por alunos que estudam em escolas regulares e que no turno oposto são atendidos na Escola Marizanda Dantas, na modalidade de AEE. Neste atendimento, os alunos aprendem LP como segunda língua – o que, por um lado, atende à proposta da educação especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008), mas por outro lado, também busca atender ao decreto de regulamentação da Libras (BRASIL, 2005) que insiste na educação bilíngue. Além de português, os alunos também aprendem artes, percussão, fotografia e participam de projetos para a inserção no mundo do trabalho. O grupo que participou da pesquisa era formado por jovens entre 15 e 19 anos de idade, estudantes do 6º ao 9º ano.

Posteriormente, escolhemos também uma segunda turma, formada por alunos do Fundamental I. Meu objetivo foi contrastar a qualidade das interações nesta turma com as outras, com a finalidade de perceber de que forma os conteúdos propostos seriam recebidos pelos alunos de cada uma. O trabalho foi desenvolvido em encontros formativos mediados por mim, o que facilitou a interação em Libras entre os alunos e eu, bem como entre eles mesmos, durante nossas argumentações e posicionamentos críticos. Minha história de engajamento e militância na educação dos Surdos há duas décadas permite um diálogo direto a partir do uso fluente da Libras com os alunos.

Segundo estes autores, o trabalho de pesquisa deve ser desenvolvido mediante a partilha de saberes, subvertendo premissas teórico-metodológicas tradicionais com práticas diretamente relacionadas com a participação ativa de pessoas e grupos

humanos. A partir da pesquisa, os participantes autorizam-se a interferir na vida social, no cotidiano de instituições, nos processos de ação e de decisão política, especialmente nos aspectos que dizem respeito a suas próprias vidas e modos de vida.

4.1 MUSEU VIRTUAL: UM PERCURSO DE CRIAÇÃO COM OS SURDOS

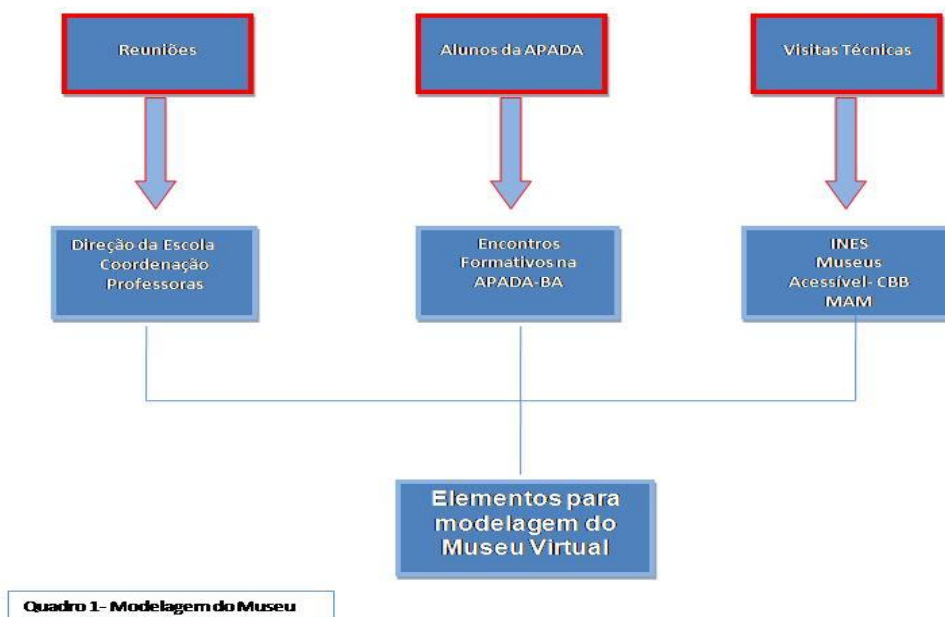
O Museu Virtual da HMCS pretende oportunizar aos jovens membros da Comunidade Surda um aprendizado significativo, mediado por TICs voltadas para esta finalidade, possibilitando aos alunos Surdos adquirir, cada vez mais, interatividade, participação e intervenção na comunidade local por meio das histórias que possam compartilhar e construir.

O espaço virtual ocupado pelo museu tem como objetivo resgatar a história e memória da Comunidade Surda para contribuir com o próprio processo de educação e formação da cidadania de seus membros.

O engajamento dos alunos Surdos na ação da pesquisa desenvolvida na escola Marizanda Dantas foi o que tornou o trabalho realizável, haja vista a participação ativa desses estudantes nos encontros formativos que possibilitaram estabelecer um diálogo com a Comunidade Surda local. O próprio engajamento dos participantes cria um espaço de divulgação da pesquisa que contempla a memória e a história dos Surdos, produzindo conhecimentos que contribuem para os processos de difusão cultural e identitária com fins educacionais.

A imagem abaixo sintetiza os procedimentos realizados no processo da modelagem do Museu Virtual: reuniões realizadas na Apada-Ba, encontros formativos com participação dos alunos Surdos, e também, visitas técnicas que fiz ao INES e a outros museus acessíveis que me indicaram caminhos a seguir para a construção do Museu Virtual.

Figura 1: Modelagem do Museu



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

Após contato estabelecido com a equipe pedagógica da escola, recolhi sugestões que foram propostas pelos docentes e estas foram articuladas com os temas desenvolvidos nos encontros formativos. Em julho de 2014, no turno vespertino, iniciamos os encontros presenciais para modelagem do Museu Virtual. Os encontros formativos foram mediados por mim e contou com a participação ativa dos estudantes Surdos, bem como de professores ouvintes e Surdos. O primeiro contato com o grupo de estudantes tinha como finalidade apresentar a proposta de realização do trabalho: os objetivos e os possíveis passos a seguir.

Começamos, assim, a trilhar os caminhos da investigação e suas descobertas, verificando os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática que seria abordada durante o desenvolvimento da pesquisa participante. A verificação destes antecedentes consistiu numa sondagem que teve início com as seguintes perguntas:

- qual seu conceito de história?
- o que ela é e representa para você?
- o que é surdez?
- o que é museu?

- se conhecem ou já visitaram algum museu?
- se tem conhecimento sobre representação de liderança Surda no Brasil?

Os questionamentos feitos aos alunos Surdos permitiram criar um lugar da escuta por intermédio da interação em grupo. Gostaria de ressaltar que este jeito de pesquisar estabelece um compromisso do pesquisador com os participantes. Já as visitas técnicas a outros museus me possibilitaram entender como vincular os conhecimentos e contextualizá-los como recursos metodológicos de ensino e pesquisa.

4.2 VISITAS TÉCNICAS A OUTROS MUSEUS

As visitas técnicas fazem parte dos procedimentos realizados para a construção do Museu Virtual. Quero ressaltar que a minha ida ao INES, em novembro de 2014, foi muito valiosa para mim, enquanto pesquisadora, uma vez que pude relacionar conhecimentos teóricos que eu já tinha ao contato direto com um lugar carregado de memórias da Educação de Surdos no Brasil.

Todo trabalho foi motivado pelo meu desejo de produzir uma narrativa da história e da memória da Comunidade Surda em conjunto com os próprios Surdos. A pesquisa participante deveria ser significativa para eles mesmos a partir dos sentidos presentes nas fontes históricas compartilhadas. Fernando Pessoa (1995 p.98) afirma que “[...] a memória é a consciência inserida no tempo”, portanto, viajar no tempo, através de um percurso histórico, nos permitiria um olhar de forma mais profunda para as sutilezas e conflitos da educação dos Surdos. Neste sentido, apresentei a proposta do Museu Virtual da HMCS, para turma do 7º ano ensino fundamental II, regida pelo professor de História, Marco Marques Pestana de Aguiar Guedes.

É interessante notar e relatar que, para os alunos Surdos estudantes do INES, a figura do Surdo educador francês E. Huet tem uma representação viva na memória da Comunidade Surda brasileira. Ao citar aspectos históricos relacionados a esta personalidade Surda e ao INES, imediatamente o grupo interveio sinalizando. Dessa maneira, a participação ativa do grupo motivou-me a estabelecer conexões a partir dos conteúdos apresentados com a memória do próprio INES. A materialização da história no INES ainda está entrelaçada com a memória dos atuais estudantes, impregnados com a efervescência histórica do lugar e com as narrativas de alunos mais antigos. No Rio de

Janeiro, fui convidada pelos estudantes Surdos para seguir minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal como professora regente do INES, o que me possibilitaria estabelecer moradia nesta cidade e ampliar saberes que poderiam ser tecidos com os próprios Surdos. Durante a visita, no período da tarde, tive a oportunidade de conhecer todos os espaços do INES, guiada por uma professora veterana da instituição, o que me possibilitou o acesso aos mais diversos ambientes, assim como ao acervo e às obras de arte produzidas pelos Surdos.

Figura 2 – Visita Técnica ao INES (aspecto da entrada)



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

No mesmo dia, à noite, assisti a um espetáculo teatral produzido e dirigido por Surdos. Tratava-se de uma peça apresentada em Libras e que também utilizava o recurso da linguagem *Claw*, exibindo esquetes teatrais. Vale ressaltar a participação dos Surdos no espetáculo – o que para eles faz parte do cotidiano cultural.

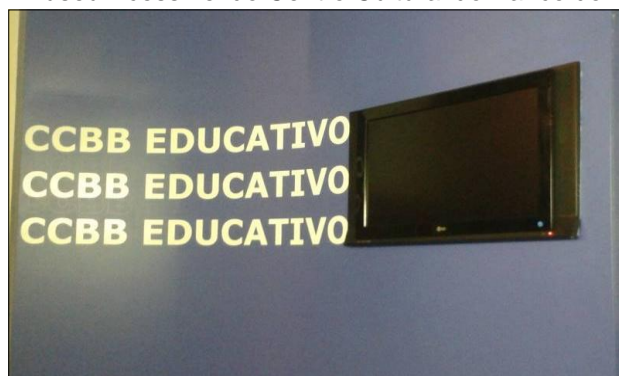
Figura 3 - Elenco do espetáculo



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

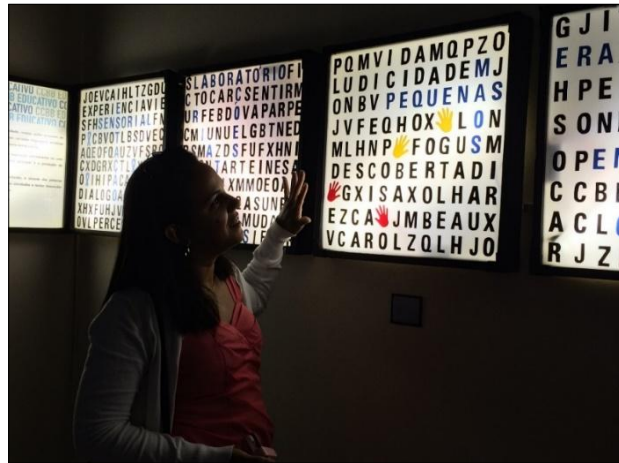
No dia seguinte, minha visita técnica foi ao Instituto Benjamim Constant (IBC), participei de um encontro com a professora coordenadora Marcia Noronha de Mello no setor de surdo-cegueira. A viagem à chamada “cidade maravilhosa” possibilitou-me um conhecimento de museus com propostas acessíveis. Entre os museus visitados, também estive no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) que é um espaço que tem por objetivo disseminar a cultura entre a população, trazendo atrações como exposições fotográficas e de artes plásticas, sessões de cinema nacional, apresentações de teatro, de dança, entre outros. O museu do CCBB também contempla, em programação regular, atividades como contação de histórias em Libras, visita mediada em Libras, visita sensorial (para pessoas cegas) e visita teatralizada. Os registros foram feitos por meio de fotografias, com as quais criei um portfólio para apresentar aos alunos Surdos da Apada-Ba nos encontros formativos.

Figura 4 – Museu Acessível do Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB)



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

Figura 5 – Museu Acessível do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB)



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

4.3 DESCRIÇÃO DOS ENCONTROS FORMATIVOS REALIZADOS NA APADA-BA

Para desenvolver o Museu Virtual como instrumento potencializador de conhecimento significativo com a utilização de TICs, a pesquisa teve como pretensão materializar saberes com a construção de um ambiente virtual, estabelecendo uma relação direta com participantes implicados e engajados, num espaço de pertencimento, promovendo, dessa forma, uma ligação das questões norteadoras do trabalho com o fazer educacional da Apada-Ba. Os encontros formativos aconteceram às segundas-feiras no período vespertino.

Os encontros formativos com alunos Surdos ocorreram na própria Apada-Ba e foram procedimentos fundamentais para a construção do Museu Virtual. A pesquisa participante trabalha com estratégias metodológicas que requerem o envolvimento do pesquisador e a capacidade de entender o lugar do outro - o que, no meu caso, foi importante para entender os Surdos, partindo da minha própria imersão participante na Comunidade Surda.

Apresento, a seguir, o planejamento didático e pedagógico dos encontros formativos realizados com a finalidade de estabelecer elementos catalisadores para a criação do Museu Virtual.

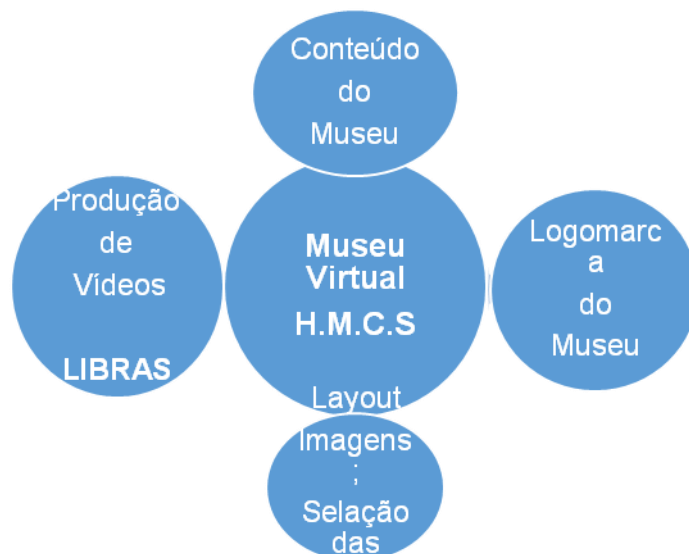
TÍTULO	OBJETIVO	MEDIADOR
Narrativas Surdas (conceito de Surdez)	Apresentar aos alunos conceitos e características da Surdez.	Aline Porto Silva
“Historiando” a Surdez	Apresentar um cronograma dos fatos históricos sobre a pessoa Surda para discutir questões próprias da Surdez. Foram necessários cinco encontros formativos.	Aline Porto Silva Ivonete Correa Cunha
O INES me representa, faço parte dessa história	Conhecer e apropriar-se da trajetória educacional do INES e dos Surdos no Brasil.	Aline Porto Silva Pablo Dantas
Minha primavera chegou! É setembro Azul!	Rememorar as lutas dos Surdos em defesa de seus direitos políticos e educacionais	Aline Porto Silva Ivonete Correa Cunha
Empoderamento: minha identidade, sou SURDO	Refletir sobre a geração Surda atual e o ideal de marcar território deixando legado para as futuras gerações.	Aline Porto Silva Laiza Silva Rebouças
Minha língua é de sinais	Debate em sala de aula sobre o movimento nacional e local pelo direito linguístico de uso da Libras e pela afirmação de identidade.	Aline Porto Silva
Representando minha arte	Compreender de que forma a imagem e a arte podem ser utilizadas pelos alunos Surdos.	Ana Paula Pessoa Aline Porto Silva
Refletida imagem: sentidos	Estimular a criatividade livre dos alunos Surdos	Ana Paula Pessoa Aline Porto Silva

Dialogando com a língua de sinais e a escrita de sinais	Construção de identidade dos povos a partir da escrita da sua língua	Alex Santos Veiga Aline Porto Silva
Partilha dos Saberes aprendidos na Prática	Partilhar as experiências vivenciadas no INES, IBC e nos museus no Rio de Janeiro	Aline Porto Silva
Trajetórias dos caminhos percorridos pelos Surdos, a partir da história do INES	Apresentar para os estudantes da APADA, como os Surdos alunos do INES conhecem E. Huet e têm a viva memória da história da Comunidade Surda brasileira e da Libras	Aline Porto Silva
Cenas na História	Apresentar o filme: “E seu nome é Jonas” para promover um resgate de histórias de vida, contextualizado através da história de Jonas, um menino Surdo dos EUA.	Cristiane Raposo Aline Porto Silva

Quadro 1: Encontros Formativos

A figura abaixo sintetiza a dinâmica dos encontros formativos que potencializaram a construção do museu, resultando em produtos e ideias constituintes da modelagem que originou a criação deste espaço virtual.

Figura 6: etapas do desenho do museu



Fonte: arquivo da autora (2015)

O encontro formativo intitulado “Narrativas Surdas (conceito de Surdez) ” teve como objetivo apresentar aos alunos Surdos o conceito e as características da Surdez. Neste encontro, a discussão sobre a temática foi iniciada com a exibição de imagens significativas pelo projetor. A pergunta norteadora consistiu numa provocação feita por mim enquanto pesquisadora e mediadora do encontro: “- quem é Surdo?” Em resposta, alguns desses alunos disseram: “ - Eu não sou Surdo, escuto um pouco e também estabeleço comunicação oral”. Outros estudantes disseram: - “Eu sou Surdo mais ou menos”. Em outro grupo um aluno declarou: “ - Minha comunicação é com as mãos”. A discussão sobre o conceito de Surdez e seu percurso histórico continuou sendo importante para ressaltar que, ao abordar o contexto clínico, houve um momento de desconstrução de muitos mitos ainda vivos sobre a temática da Surdez, entre os próprios Surdos.

Em continuidade ao encontro anterior, retomamos a mesma temática, mas para esse momento, apresentei novas imagens, expondo diversas figuras dos contextos históricos dos Surdos. Logo a seguir, em pequenos grupos, os estudantes descreveram o que entenderam das imagens e um grande diálogo foi formado em torno do tema em discussão.

As imagens apresentadas retratavam figuras relacionadas com os fatos históricos da Surdez, que foi apresentada desde quando os Surdos eram tratados como deficientes sem qualquer direito até a atualidade. Essas discussões foram realizadas em cinco encontros formativos, mais duas oficinas; em todos estes momentos, abordamos a história dos Surdos ao longo do tempo, bem como tratamos sobre o conceito de Surdez dos alunos.

Interessante ressaltar o desconhecimento dos alunos Surdos sobre o tema que trata do desenvolvimento histórico e atual da Comunidade Surda. Para mim, foi perceptível a surpresa dos alunos, mediante expressividade deles manifesta pelo olhar. Estimulei entre eles um discurso argumentativo por intermédio da minha mediação em Libras. Essa facilidade de comunicação nos ajudou a estimular os debates e, dessa forma, os alunos passaram a expor suas ideias.

O encontro formativo intitulado “O INES me representa, faço parte dessa história” aconteceu justamente no mês de setembro, que representa um marco importantíssimo para a Comunidade Surda. Isso ocorre porque no dia 26 de setembro é comemorado o

“Dia Nacional dos Surdos” em reconhecimento à primeira escola de Surdos fundada nesta data, no ano de 1857, pelo educador Surdo francês E. Huet.

Nos encontros formativos, realizados em setembro, abordamos a memória da trajetória educacional dos Surdos no Brasil, bem como os avanços e conquistas da Comunidade Surda na atualidade. Neste contexto, utilizamos o livro “O INES e a Educação de Surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos” como principal material didático dos encontros. Rocha (2008), apresenta a história dos 150 anos do INES desde a sua fundação através de imagens digitalizadas de documentos oficiais e de fotos do período.

O diálogo estabelecido com a turma tinha como proposta evidenciar para os jovens estudantes que o passado histórico reflete-se no mundo contemporâneo e é por essa razão que a Comunidade Surda atual tem sido fortalecida com a luta em favor de seus direitos legítimos.

O encontro formativo intitulado “Minha primavera chegou! É Setembro Azul”, foi assim nomeado por ser este um o mês de referência para a Cultura Surda, para a defesa da Libras e das escolas bilíngues no Brasil. Um dos objetivos da Comunidade Surda brasileira é legitimar o *Setembro azul* como um mês de lutas em defesa de seus direitos políticos e educacionais. Em síntese, o *Setembro Azul* constitui-se num movimento nacional articulado, através de ações sincronizadas em todas as capitais brasileiras, ligadas ao “Movimento Surdo em Defesa das Escolas Bilíngues para Surdos” e à Feneis.

Toda a comunidade da Escola Marizanda Dantas estava motivada com a temática – o que proporcionou aos estudantes Surdos experimentar um sentimento de empoderamento. Discutimos questões acerca da escolarização dos Surdos e de que forma a Comunidade Surda presente tem se engajado para manter-se atuante na sociedade. Logo, nossas reflexões perpassaram posicionamentos críticos e políticos, assinalando o que a geração Surda contemporânea pode deixar como legado às futuras gerações que, certamente, terão em suas memórias a força de um povo.

A Escola Marizanda Dantas, durante o mês de setembro, manteve uma programação intensa, informando e divulgando aos estudantes Surdos políticas de afirmação de identidade, estes participaram de eventos promovidos, tais como caminhadas, palestras e apresentações culturais na cidade de Salvador/Ba.

No encontro do dia 26 de setembro, os estudantes participantes da pesquisa estavam engajados e afiados, participando com a banda percussiva Batuque de Surdo da Apada-Ba. Eles se apresentaram no Campo Grande, na passeata em homenagem ao Dia

Nacional dos Surdos que aconteceu no dia 26/09/2014, marcando presença na história e na memória da comunidade local. Pessoas Surdas e ouvintes seguiram em harmonia pelas ruas do centro, concentrando-se em uma das famosas praças da cidade em direção à Câmara Municipal da cidade de Salvador/Ba.

O evento foi promovido pela Apada-Ba, pela Associação Educacional Sons no Silêncio (Aesos), pelo Centro de Surdos da Bahia (Cesba), pelo Centro de Estudos Culturais e Linguísticos Surdos (Ceclis) e pelo Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez Wilson Lins (Cas). A mobilização pacífica fez parte do movimento anual, denominado “Setembro Azul”, que conscientiza a Comunidade Surda brasileira na luta por escolas bilíngues e outras exigências.

Após o movimento local, realizamos um encontro formativo em homenagem ao “Setembro Azul”, que teve como propósito debater, em sala, o que os alunos compreenderam sobre a abordagem do referido tema. Pude perceber que a turma se apresentava mais participativa, falando de forma mais lúcida sobre saberes construídos ao longo dos encontros formativos. Esse momento foi registrado pelos estudantes através dos dispositivos móveis, como máquinas fotográficas, bem como uso de dispositivo para filmagem e edição dos vídeos.

No mesmo período, também fui convidada para participar da III Semana Surda, no dia 23 de setembro de 2014, em comemoração ao Dia Nacional da Luta das Pessoas com Deficiências. O evento, que é fruto da parceria entre a Escola Municipal Raimundo Mata e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano – Campus Catu/Ba), foi realizado no Auditório da Secretaria de Educação (SMEC Catu/Ba).

A programação esteve sob minha responsabilidade, como coordenadora do Núcleo de Apoio às Necessidades Específicas (NAPNE) e professora da disciplina de Libras e de Educação Inclusiva e dos Estudantes do Curso de Licenciatura em Química. Abaixo a programação descrita:

- apresentação do Grupo de Estudos do IF Baiano (Campus Catu/Ba): *Ressignificando o olhar sobre a deficiência*;
- apresentação do trabalho de pesquisa apresentado na FEMMIC, Joari Cruz, *Realidade e desafio: Surdos e o mundo do trabalho na cidade de Catu – BA*;
- palestra: *Currículo na educação inclusiva dos alunos Surdos*, Aline Porto, Professora do IF Baiano;

- *adaptações curriculares na educação dos alunos Surdos*: com estudantes do curso de licenciatura em química: Driane Santana, Luiz Santana, Marilene Conceição e Quelli Santana, resultado das aulas que foram desenvolvidas durante o curso das disciplinas: Libras e educação inclusiva – mediação dos conteúdos de Química para Surdos.

Figura 7 - Palestra na Terceira Semana Surda



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

O encontro formativo denominado “Representando minha arte” foi realizado com o auxílio da professora da disciplina de artes, Ana Paula Pessoa, que atuou como mediadora desse processo na turma do 5º ano matutino. O objetivo do encontro consistia em compreender o que o trabalho com diversas imagens pode representar para os Surdos. Vale ressaltar que os recursos visuais são extremamente importantes para estes alunos. Assim, a professora propôs, a princípio, o uso das tintas, deixando livre o desenvolvimento da criatividade, para que os alunos desenhassem e, em seguida, um desenho vazado do tronco humano foi apresentado à turma a fim de ampliar o diálogo sobre formação da identidade.

No encontro da semana seguinte, ao apresentar para a turma um retorno da pintura livre, a professora Ana Paula Pessoa levou como proposta para sala aula a exibição de desenhos vazados no papel de transparência, utilizando um retroprojetor para exibição das imagens. De forma bem dinâmica e em parceria, a professora e eu, no papel de pesquisadora, inserimos diversas formas de recortes nas transparências com representação dos sinais da Libras – o que possibilitou interação por meio das sombras

na tela branca – permitindo o movimento e o brincar com a imagem da sombra refletida, estimulando a criatividade dos alunos Surdos.

As oficinas de artes realizadas auxiliaram a criação de referências na pesquisa por apresentarem elementos norteadores, a partir dos quais teve início um concurso entre os alunos que resultou na logomarca do Museu Virtual. Neste concurso, os alunos criaram desenhos, tendo como principal eixo norteador o uso das mãos. Sendo assim, todos os desenhos foram catalogados e encaminhados para a empresa Enigma, onde um profissional *designer*, juntamente comigo, agregou todos os elementos para o desenvolvimento da arte final e a criação da identidade do museu.

Figura 08 - Encontro Arte com as mãos



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

A pesquisa participante foi viabilizada pela participação dos alunos Surdos que contribuíram para a criação do museu. Isto porque os encontros formativos possibilitaram ampliar o diálogo sobre a temática, assim como as estratégias para ensinar Surdos de forma interativa e participativa. Como consequência da realização do trabalho e do meu imbricamento na pesquisa, escrevi breves estudos de casos que foram apresentados em seminários e congressos – o que possibilitou minha participação em eventos acadêmicos.

Em agosto de 2014, um trabalho inscrito foi aceito para apresentação oral no “IV Seminário de Educação Bilíngue para Surdos/II Seminário de Proposta Bilíngue para a Fonoaudiologia: ambientes e sala de aula”, realizado na UNEB na cidade de Salvador/Ba, sob a coordenação de Prof.^a Sheila Batista Maia Santos Reis da Costa. Neste evento, apresentei o trabalho intitulado “Leitura de textos literários em língua de sinais para alunos Surdos mediados pela escrita de sinais: estratégias para ensino e aquisição da língua portuguesa como segunda Língua” (SILVA, 2014).

Nos dias 30 e 31 de outubro de 2014, durante o “V Seminário - Caminhos para a Inclusão: diretrizes e ações educacionais”, apresentei o pôster intitulado: “Representações

dos alunos Surdos da Apada-Ba do Ensino Fundamental II: entre história e memória da comunidade surda, a partir do uso dos dispositivos móveis” (SILVA, 2014). Este texto foi um resultado direto da pesquisa desenvolvida; com ele, apresentei um estudo que teve por objetivo difundir a história e a memória da Comunidade Surda, através de um recorte histórico sobre as representações dos alunos Surdos da Apada-Ba do Ensino Fundamental II, utilizando dispositivos móveis como instrumentos de apoio na mediação dos conteúdos – o que potencializou significativamente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos por meio da tecnologia.

Com a apresentação do trabalho, pude mostrar, portanto, que o uso dos dispositivos móveis como smartphones, tablets, notebooks e de seus aplicativos, contribuem para o ensino e a aprendizagem, ampliando a inserção tecnológica no processo educativo com a utilização das TICs como elementos de interação, a partir da troca de informações significativas.

O encontro formativo intitulado “Dialogando com a língua de sinais x escrita de sinais”, teve a participação do professor Surdo Alex Santos Veiga; o nosso objetivo centrou-se na construção da identidade dos povos, a partir da escrita de sua língua natural. Dessa maneira, estabelecemos um diálogo com os alunos sobre a importância da Libras e a escrita dessa língua, utilizada pela Comunidade Surda baiana e brasileira.

A escrita é um código de comunicação secundário em relação à linguagem articulada, seja oral ou gestual. A representação gráfica plasma e transmite uma mensagem. Evidentemente, a escrita tem uma história. A evolução da escrita ocorre com os primeiros registros que são os pictogramas e, em seguida, com os ideogramas, ou logogramas, representações que facilitavam o reconhecimento de uma dada ideia (ou mensagem) por maior número de pessoas. Devemos recordar também a utilização de hieróglifos no Egito antigo. Com a evolução destes sistemas, surgiu a escrita alfabética, um sistema funcional complexo que tem sua origem na tentativa de registro dos sons da linguagem oral. A escrita alfabética é, de algum modo, uma forma de tradução de fonemas em grafemas.

A partir do diálogo com os alunos, na oficina, sobre o processo de construção da escrita, procurei verificar os conhecimentos prévios deles sobre a escrita da língua da Libras, relacionando conceitos sobre o que é escrita de sinais, qual a sua origem e de que forma foi adaptada para a escrita de sinais da Libras. A escrita de sinais origina-se de um sistema notacional para descrever os movimentos das danças, criado pela coreógrafa americana Valerie Sutton. No Brasil, a difusão da escrita de sinais ocorreu a partir do

trabalho da professora Doutora Mariane Stumpf, Surda brasileira que, em visita aos Estados Unidos, realizou estudos e pesquisas aprofundando conhecimentos sobre o sistema de escrita de sinais, cujo nome em inglês é *SignWriting*. No Brasil, alguns pesquisadores Surdos e ouvintes passaram a pesquisar e desenvolver alguns trabalhos em *SignWriting*, adaptando e estruturando a escrita da Libras. A escrita de sinais ainda não tem seu reconhecimento formal na Educação dos Surdos, porém está organizada como escrita visual direta da Libras (e de outras línguas de sinais) pelo sistema *SignWriting*, sendo o mais aceito pela Comunidade Surda.

Com a oficina, proporcionamos aos estudantes conhecimento do sistema de escrita de sinais, porém estabelecemos o compromisso de realizar outro momento formativo com a finalidade de propiciar-lhes a aquisição de elementos básicos da grafia. Por certo, ficou evidente que a escrita de sinais pode ser utilizada como estratégia de ensino que ampara a Educação de Surdos numa perspectiva bilíngue, proporcionando também a escrita da língua natural dos Surdos brasileiros que é Libras, além da escrita do português que se constitui numa língua secundária.

Como as visitas técnicas que realizei ajudaram-me a ampliar meus conhecimentos, motivei-me a realizar mais um encontro formativo, denominado “Partilha dos Saberes Aprendidos na Prática”. Ao retornar do Rio de Janeiro para Salvador, minha cidade natal, eu me sentia ávida por partilhar as experiências que vivenciei no INES. Apresentei aos alunos das turmas participantes o portfólio contendo todas as fotos registradas na primeira escola, localizada no Rio de Janeiro. Compartilhamos todo este conteúdo no encontro: “Trajetórias dos caminhos percorridos pelos Surdos, a partir da história do INES”. Um dos meus objetivos era evidenciar como os estudantes Surdos, matriculados no INES, têm a presença viva da história da Comunidade Surda brasileira e da Libras - o que estimula uma interação discursiva fluida e intensa sobre questões importantes para eles.

Para os alunos Surdos da Apada-Ba, toda a argumentação tecida nos encontros formativos segue em processo de construção, considerando que muitos desses estudantes Surdos desconheciam ou apresentavam conhecimentos parciais e fragmentados acerca da sua própria história. É importante destacar que a cada imagem da história apresentada, contamos detalhes importantes e tecemos considerações significativas, por meio da leitura dessas imagens e dos conhecimentos construídos nesse processo formativo.

Na semana seguinte, com a realização do décimo sétimo encontro formativo, apresentamos o vídeo gravado na apresentação teatral em Libras e do uso da linguagem *Claw*, em que os atores Surdos representavam encenando esquetes. Diante do vídeo apresentado, a diretora da Escola, Sra. Natalia Dantas, propôs exibir o vídeo para alunos e professoras da escola, com o objetivo de despertar a linguagem corporal nas aulas de teatro da escola que acontecem às sextas-feiras.

A encenação encantou os olhos atentos dos alunos, já que o uso das linguagens gestual e corporal são extremamente significativas para os Surdos, devido à da comunicação visual-gestual e espacial que prevalece entre estas pessoas.

No início do mês de dezembro de 2014, participamos da Mostra Cultural da Apada-Ba. O evento aconteceu como culminância das aulas de teatro, realizadas no segundo semestre daquele ano. Na oportunidade, desejamos boas férias e um retorno providencial em 2015.

Ao regressar ao *locus* da pesquisa em desenvolvimento, encontrei novos e muitos desafios. Vale ressaltar que a instituição onde a pesquisa aconteceu adaptou-se à política atual do MEC, que prioriza a Educação Inclusiva de alunos deficientes e o AEE no turno oposto para estes. Esta política demanda das instituições especiais tempo para atender as especificidades dos alunos provenientes das escolas “regulares” no turno oposto.

Neste contexto, uma das turmas que participava dos encontros no ano anterior foi dividida em dois grupos, modificando os dias de AEE dos alunos. Este fato demandou adaptação dos meus horários para a segunda turma do 5º ano Fundamental I, que permaneceu no turno matutino com mudança no dia da semana.

Na terceira semana do mês de março de 2015, apresentamos o filme: “*E seu nome é Jonas*” para os alunos Surdos. Com essa atividade, meu objetivo foi identificar se os alunos, em contato com o enredo do filme, iriam estabelecer conexões com os encontros formativos anteriores – o que nos permitiria resgatar algumas questões suscitadas anteriormente. Ao término da exibição, iniciamos um debate com a apresentação de um roteiro com perguntas sobre a trama do filme.

Em resumo, o filme conta a história de um menino Surdo que foi diagnosticado como deficiente mental e que, por essa razão, ficou durante três anos numa instituição, excluído do convívio social e do contato com outros Surdos. Ao descobrir o erro no diagnóstico, os pais puderam levar o filho para casa. A partir de então, a família passa a viver o drama da surdez, não sabendo como agir em relação à “deficiência” da criança.

Em busca de ajuda, os pais se mostraram desinformados sobre as questões da Surdez e, por isso, aceitam qualquer informação. Assim, matriculam Jonas numa escola onde o uso de sinais da ASL não é permitido e os Surdos eram obrigados a estabelecer comunicação oral, ou seja, sua especificidade linguística lhes era negado nesta instituição oralista.

A ausência de comunicação também causou frustração em Jonas que, em alguns momentos, reagiu com agressividade como forma de manifestar sua existência precária. A narrativa do filme retrata a história de “muitos” Jonas, permitindo-nos compreender, hoje, os diversos aspectos da Surdez, dentre eles ressaltamos a importância da comunicação por meio da língua de sinais, fundamental para o desenvolvimento da pessoa Surda.

Mediante reuniões, encontros formativos e visitas técnicas, a modelagem do Museu Virtual foi construída durante a realização de uma pesquisa marcada pelo engajamento da pesquisadora e dos participantes. Todo processo foi caracterizado pelo compartilhar de informações históricas significativas e pela comunicação em Libras – o que valoriza a identidade e a cultura Surda baiana, bem como os marcos atuais que legitimam a Comunidade Surda brasileira (Setembro Azul, Escrita de Sinais, etc.).

Em julho de 2015, continuamos com os encontros formativos que seguiram com a comunidade escolar, representada pelos professores Surdos da instituição. A participação destes membros da comunidade foi muito importante, uma vez que foram eles que conceberam caminhos para atender as demandas propostas pelos objetivos do Museu Virtual da HMCS.

4.4 MODELAGEM DO MUSEU VIRTUAL: ASPECTOS TÉCNICOS E EDUCACIONAIS

O Museu Virtual foi construído a partir da pesquisa participante realizada com os alunos Surdos da Apada-Ba, mas também com as visitas técnicas que me possibilitaram ampliar conhecimentos, bem como pelo diálogo estabelecido com professores Surdos e ouvintes.

No entanto, como não domino a área técnica da informática, levei a proposta da criação do museu para uma empresa do ramo na cidade de Salvador/Ba responsável pela

criação de *blogs* e *sites*. Neste contexto, firmei parceria com o grupo Enigma.net, empresa representada pela Sra. Marcela Rocha, diretora comercial e pelo Sr. Mauro Rocha, diretor de projetos. Estes diretores abraçaram o desafio da criação do Museu e o desenho do ambiente virtual, que passou a ser projetado dando visibilidade ao trabalho da pesquisa.

A sede da empresa Enigma.net está localizada na Avenida ACM, nº 3213 – Edifício Golden Plaza – 11º andar, salas 1109 e 1110 CEP 40.280-000, nesta capital. Decidimos, em reunião, realizar a criação do domínio do museu virtual na internet a partir de diversas tentativas, a fim de dar um caráter inédito a nossa iniciativa com a participação dos olhares da Comunidade Surda.

Figura 9 – Página principal do Museu Virtual da História e memória da Comunidade Surda; portal de interação entre a LP e a Libras.



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

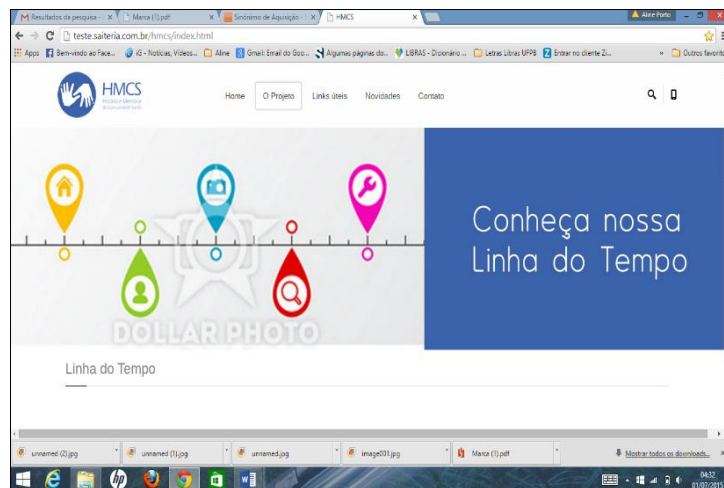
O domínio do Museu Virtual da História e Memória da Comunidade Surda foi criado de forma original após diversas buscas de imagens e elementos gráficos realizados na rede. Após esta etapa, decidimos pelo endereço virtual: <museuvirtualhmcs.com.br>. Com base nas ideias que emergiram com os encontros formativos – elementos catalisadores para a criação do museu – estabeleci um diálogo direto com a empresa parceira e assim fizemos um *briefing* para a criação do *site* “HMCS - História e Memória da Comunidade Surda”.

O objetivo da criação do site foi reunir o conteúdo significativo da história da própria comunidade e torná-lo disponível para alunos Surdos e pessoas Surdas em geral,

proporcionando para este público uma nova linguagem, que possibilite uma nova compreensão de sua própria cultura e identidade. O público alvo do museu é composto por pessoas Surdas, pelos professores Surdos e ouvintes, ou seja, pela Comunidade Surda e pelos demais implicados com processos educativos.

O site do museu terá um *plug-in* para *Facebook* e um canal no *Youtube*, considerados hoje os canais virtuais da maior interatividade entre as pessoas Surdas. A página do museu será de fácil acesso na *web*, sendo possível acessar via celular, *tablet*, *Ipod*, *notebook*, computadores, etc. A página apresenta uma linha do tempo com chamadas “Curtas” (pequenos textos, banners, links, contendo informações importantes para situar a Comunidade Surda sobre como utilizar a ferramenta).

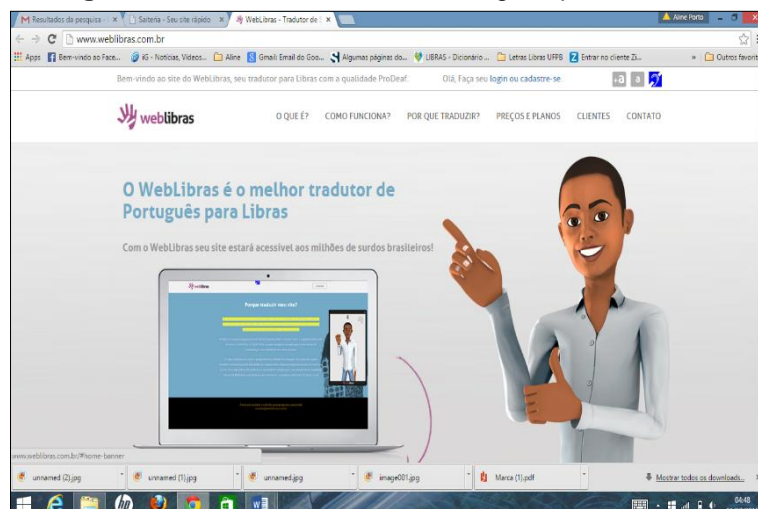
Figura 10 - Página de teste do museu virtual em desenvolvimento (aspecto da linha do tempo)



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

O *site* também contará com um *link* para o tradutor do Google, bem como um *plug-in* para Libras.

Figura 11 - Tradutor *on line* de Português para Libras



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

Nas páginas, estarão disponíveis botões que possibilitem o acesso ao conteúdo do Museu Virtual. Cada imagem sugere o conteúdo a ser encontrado a partir do toque no botão correspondente. Além da informação visual, abaixo do banner veremos o título correspondente ao conteúdo previsto. Cada item apontará para um conteúdo que diz respeito à história dos Surdos. Abaixo alguns dos destaques que farão parte do site do museu:

- Destaque 1: Apada-Ba (link relacionado);
- Destaque 2: Espaço interativo (página com chamada para os vídeos);
- Destaque 3: *Plug-in* do *Facebook*;
- Destaque 4: Cultura surda;
- Destaque 5: Direitos - leis e decretos;
- Destaque 6: Espaço pedagógico.

Figura 12 – Conteúdo disponível



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

A pesquisa realizada para modelagem e a criação do museu permitiram a estruturação e o uso de TICs, como consequência de um desenvolvimento sedimentado na participação de atores sociais que construíram o significado da composição do ambiente virtual.

A seguir, algumas imagens sugeridas para compor o site do museu, mas que não foram aceitas pelos estudantes Surdos, e que, conseqüentemente, foram descartadas por mim e demais participantes do processo (professores, designers), por não representarem elementos gráficos de preferência da Comunidade Surda. É importante salientar que a seleção de imagens foi realizada, em princípio, num banco de imagens cujo endereço é o da página <<https://br.dollarphotoclub.com/>> no qual as imagens são adquiridas e pagas. Não havendo uso de imagens encontradas no *Google*, as imagens são protegidas pela lei de direitos autorais.

Figura 13 – Imagens descartadas pelos Surdos



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

Figura 14 – Simbologia manual



Fonte: Arquivo da autora, 2015.

As imagens veiculadas no site representam os aspectos interativos do Museu Virtual, desenvolvido para a Comunidade Surda e com a participação dela, já que a utilização das TICs pelos Surdos é um fenômeno social incontestável, justamente porque as TICs possibilitam interação, comunicação e, sobretudo, aprendizagem – daí a facilidade de utilização destes recursos com propósitos educacionais.

Em contextos educativos, as TICs estimulam a aprendizagem e a autonomia, incentivando o exercício da participação cidadã. Segundo Rojo (2006, p. 585), "um dos objetivos principais da escola é possibilitar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática". É neste contexto que o Museu Virtual, enquanto TIC, surge como dispositivo pedagógico para a formação de pessoas Surdas capazes de lutar por seus direitos e exercê-los.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das Comunidades Surdas no Brasil e no mundo está recheada de fatos surpreendentes. A primeira grande surpresa reside no fato de que, apesar de sempre estarem convivendo no meio social ouvinte, somente nas últimas décadas os Surdos foram “contemplados” com o reconhecimento de suas línguas de sinais e outros direitos essenciais consecutivos ao direito linguístico. Apesar de lutas históricas iniciadas no período do Iluminismo europeu, nos surpreende que as últimas conquistas tenham acontecido tão recentemente. Tudo que se construiu até agora em favor dos Surdos é resultado de olhares sensíveis e da militância mobilizada com o fito de lutar a favor dos direitos das pessoas Surdas.

Só há pouco tempo, a sociedade ouvinte percebeu que os Surdos têm uma língua própria e que, portanto, a língua falada por eles deve ser a utilizada nos processos educativos como língua de instrução para a aquisição de uma segunda língua – de preferência a forma escrita da língua oral da sociedade ouvinte. Haveria muito o que registrar sobre a construção histórica desta realidade, principalmente, os depoimentos daqueles Surdos que defenderam suas vidas, suas identidades, sua cultura, e assim trabalharam, constituíram famílias, contribuíram para o projeto de nação mais amplo e que agora tiveram seu modo natural de comunicação e expressão reconhecido legalmente para todos os fins de direito.

No Brasil, os avanços foram consideráveis, especialmente no sentido de se difundir, entre os falantes do português, a consciência de que entre estes coexiste uma população usuária de uma língua que não é oral, mas que também possibilita a comunicação humana e significa afirmação de identidade e cultura. Vale ressaltar que os usuários da Libras, especialmente as pessoas Surdas, também enxergam de maneira significativa o meio social mais amplo que é compartilhado por todos, incluindo os falantes da LP oral.

Partindo da ideia de que cada língua cria, para o “falante”, uma visão de mundo diferente umas das outras, podemos supor que quem fala o português ou qualquer outra língua oral (espanhol, inglês, francês, alemão, etc.) vê o mundo, conceitua este mundo, de modos diferentes. O mesmo acontece com as línguas de sinais. Sendo assim, ao perceber a Libras como um fato social, recomendamos que se dê maior espaço para as opiniões do povo Surdo brasileiro para que possa dizer o que pensa, suas ideias e ideais,

bem como possa contribuir para a afirmação da própria comunidade e para o aprimoramento da sociedade como um todo.

Meu empenho para realizar um Museu Virtual, que recolhesse a história dos Surdos, contando com a participação da própria comunidade, foi aqui descrito com o fito de compartilhar um pouco do saber, da experiência que produzimos neste processo para que outras iniciativas similares possam contar com algum antecedente útil.

A continuidade de tais esforços só será garantida se, a partir da comunidade acadêmica, houver novas propostas de atividades positivas que contaminem outros segmentos sociais, como os setores governamentais, comerciais, religiosos, educacionais e, como sempre aconteceu ao longo dos tempos, os apoios familiares. A universidade é o espaço em que tais iniciativas podem e devem ser fomentadas, pois a sociedade mais ampla, em geral, leva em conta o conhecimento e as propostas que emergem dos centros acadêmicos.

Nessas perspectivas, entendo que a pesquisa trouxe contribuições sócio-políticas importantíssimas para a Comunidade Surda baiana e brasileira. A ideia de salvaguardar cenas da história e da memória do povo Surdo só faz sentido como ferramenta pedagógica, na medida em que estes conteúdos sejam úteis para empoderar a Comunidade Surda de seus direitos legais historicamente adquiridos e promover o reconhecimento de lideranças surdas no Brasil e no mundo.

O Museu Virtual possibilita diversas contribuições pedagógicas para a atividade de professores Surdos, ouvintes e alunos Surdos. Disponibilizando um conteúdo que não se restringe à história passada, mas também aos fatos da contemporaneidade dos Surdos, o site abre possibilidades de letramentos e multiletramentos através das TICs (ensino de português como L2, formação da identidade Surda, valorização da cultura Surda, etc.). Procuramos abrir para professores e alunos diversas possibilidades de aprendizagem significativa através do contato com textos escritos na LP, com imagens, com vídeos em Libras e/ou com legenda; com o uso de aplicativos dos dispositivos móveis.

É importante destacar que, do ponto de vista epistemológico, a realização de um trabalho desta natureza parte de outros pressupostos, bem como colhe outros resultados e significados. Nossa pesquisa participante não foi um trabalho realizado com a finalidade de encontrar respostas para problemas teóricos. Minha proposta partiu de uma vida de engajamento com um fazer pedagógico, e a realidade linguística dos Surdos requer que nada se faça sobre eles sem eles (parafraseando um conhecido lema dos movimentos sociais das pessoas deficientes “nada sobre nós, sem nós”). Reconheço que o percurso

que vivemos, atores sociais Surdos e eu, para a construção do Museu Virtual, nos possibilitou uma síntese narrativa-descritiva que pode ser lida no presente memorial. Evidentemente, sabemos que este é um modo de pesquisar com possibilidades e limites. Não pretendemos abarcar todas as questões da Educação de Surdos que surgiram ao longo da história. A delimitação dos rumos da pesquisa foi se constituindo a partir das próprias sinalizações colocadas pela participação de professores e alunos Surdos. Foram eles quem indicaram o que poderia ser significativo ou não. Como pesquisadora, coube a mim ouvir com olhos bem atentos...

Minha esperança é que o Museu Virtual da HMCS transforme-se num recurso pedagógico feito para os próprios Surdos e que seja significativo por ter sido feito com a participação deles mesmos. Do ponto de vista qualitativo, entendo que este é o potencial de uma pesquisa desta natureza. Projetos de pesquisa de qualquer opção epistemológica esbarrariam em limitações diversas.

Na medida em que nosso trabalho possibilite que outros educadores possam interferir nas representações sociais da sociedade ouvinte, bem como nas representações de outros alunos e professores Surdos, desejo que nosso Museu Virtual possa criar a disposição necessária para a aprendizagem significativa de outros elementos do currículo escolar. Ou seja, em termos de novas TICs aplicadas à educação, não propusemos criar um instrumento pedagógico que não se restringe ao ensino de história ou o letramento em português como L2, mas um espaço com canais interativos onde alunos Surdos possam vivenciar multiletramentos nos eixos transversais da identidade e a cultura Surdas.

Como coordenadora do NAPNE do IF Baiano (campus Catu/Ba), pretendo, com o apoio desta instituição, hospedar a página do Museu Virtual HMCS num servidor público. Esta medida poderá facilitar a manutenção do museu, reduzindo custos e permitindo a participação ativa de pessoas Surdas interessadas, especialmente os líderes Surdos da comunidade baiana e brasileira que desejem alimentar o site.

Sou participante, militante da Comunidade Surda, envolvida com os movimentos sociais, políticos e educacionais dos Surdos e pretendo que o Museu HMCS, seja mais um espaço virtual que promova o empoderamento dos Surdos através de narrativas tecidas por eles mesmos, resultem em aprendizagens significativa.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2001.

ALVES, Rubem. **Educação dos Sentidos e Mais**. Campinas, São Paulo: Verus Editora, 2005.

_____. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2008.

BEHARES, L. E. **Novas correntes na educação do surdo: dos enfoques clínicos aos culturais**. Santa Maria: UFSM, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação, Cultura e Desporto. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva: jovens e adultos com deficiência: versão preliminar**. Brasília, DF set. 2007. Disponível em: peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

_____. Ministério da Educação, Cultura e Desporto. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e dá outras providências. **Lex...** Brasília, DF, 2002. Disponível em: <portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10436.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC). **Diretrizes curriculares nacionais para a educação especial**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2015.

BARTHEL, Diane, **Cosmopolita Patrimônio Mundial em Memória**. Com Dean Bond. Em *Sociologia da Memória: Papéis do Spectrum*, editado POR Noel Packard, Cambridge, UK: Cambridge Scholars Publications, 2009, 191-211.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo Romeu. **Pesquisa Participante - O Saber da Partilha Brandao**, São Paulo, Editora Ideias & Letras 2006.

BRITO, L. F. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

_____. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trinlígüe da Língua Brasileira de sinais: sinais de M a Z**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. v. 2.

CASTELLANOS, C. D. **Sonha e ganharás o mundo**. São Paulo: Palavra da Fé Produções LTDA, 1999.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 1993.

DECLARAÇÃO DE JOMTIEN. **Declaração mundial sobre educação para todos**. 1990. Disponível em: <www.unicef.org/brazil/jomtien.htm>: Acesso em: 30 abr. de 2015.

FELIPE, T. A. Escola inclusiva e os direitos linguísticos dos surdos. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 1997.

FREUD, S. Lembranças encobridoras. In: Freud, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. III. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (Originalmente publicado em 1901).

GOLDFELD, M. **A criança surda** – linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 1997.

GRIFFITH, P. L.; RIPICH, D.N. Story Structure recall in hearing-impaired, learning-disabled and nondisabled children. **AMERICAN Annals of the Deaf**, v. 133, n. 1, p. 43-50, 1988.

GUARINELLO, A. C. **O papel do outro na escrita de Sujeitos Surdos**. Cidade INFORMAR CIDADE: Plexus, 2004.

HETKOWSKI, Tânia Maria. Políticas Públicas: Tecnologias da Informação e Comunicação e Novas Práticas Pedagógicas. Tese de doutorado. Faculdade de Educação – FAGED. Programa de Pós-Graduação em Educação. UFBA. Janeiro de 2004.

ISER, W. **O fictício e o imaginário** – perspectivas de uma antropologia literária. Trad.: Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LARTZ, M. N.; LESTINA, L. J. Strategies deaf mothers use when reading to their Young deaf or hard of hearing children. **American Annals of the deaf**, v. 140, n. 4, p. 358-62, 1995.

LEBEDEFF, T. B. **Análise do relato de histórias em língua de sinais e escritas por pessoas surdas**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LEWICKA, Maria, Place anexo, identidade de lugar, lugar e memória: Restaurar o passado cidade esquecida, **Journal of Environmental Psychology** 28, 211, 214 2008.

LONG, J. S. **The sign language**: a manual of signs. Washington, D.C.: Gallaudet College, 1989.

OAKHILL, J. & CAIN, K. Children's difficulties in text comprehension: assessing causal issues. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 5, n.1 p. 51-59, 2000.

PESSOA, Fernando, **Mensagem**. Lisboa: Contexto Editora, Ltda, 1995.

PERLIN, Gladis. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

QUADROS, Ronice Müller et al. **Exame ProLibras**. Florianópolis: UFSC, 2009.

REILY, L. H. As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Org.) **Cidadania, surdez e linguagem**. São Paulo: Plexus, 2003.

ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. 2. ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

RODRIGUES, C. S.; VALENTE, F. **Aspectos linguísticos da Libras**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2011.

ROJO, Roxane. **Escola Conectada**: Multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

ROSA, Emiliana Faria. **Olhares sobre si**: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas. 2009. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2009.

ROSA, E BENTO

SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: _____. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998. p. 7-32.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, Aline Porto. **A importância da literatura na formação do imaginário do sujeito surdo**. 2007, 15 p. Trabalho de conclusão de curso (graduação em Letras) – Faculdades UNIJOGÉ, Salvador, 2007.

Disponível em:

http://www.webartigos.com/resources/files/modules/article/article_85527_201203112358352db9.pdf. Acesso em 30 jan. 2016.

_____. **A importância da literatura para o Surdo** – caminho para o letramento com contribuição da tecnologia digital. 2009 12 p. Trabalho de conclusão de disciplina (aluna especial de Pós graduação), UNEB: Salvador 2009.

_____. **Literatura e Educação de Surdos**. Salvador 2009,

_____. **Recontando a Literatura Infantil em Libras**. Salvador, 2010.

_____. **O Surdo que sou**. Trabalho desenvolvido na Escola Marizanda Dantas, Salvador, 2011.

_____. **Literatura em língua de sinais x escrita de sinais: estratégias para ensino e aquisição da língua portuguesa como segunda língua**. 2010, 14 p. Trabalho de conclusão de curso pós-graduação lato sensu pela Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID). 2010.

_____. Leitura de textos literários em língua de sinais para alunos surdos mediados pela escrita de sinais: estratégias para ensino e aquisição da língua portuguesa como segunda Língua (Apresentação Oral). In: IV SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS // SEMINÁRIO DE PROPOSTA BILÍNGUE PARA A FONOAUDIOLOGIA: AMBIENTES E SALA DE AULA, 2014, Salvador: UNEB 2014.

_____. **Representações dos alunos Surdos da Apada-Ba do Ensino Fundamental II: entre história e memória da comunidade surda, a partir do uso dos dispositivos móveis (Apresentação Pôster)**. In: V Seminário - Caminhos para a Inclusão: diretrizes e ações educacionais, Salvador: CAS/BA 2014.

STRÖBEL, K. L. História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G.(Org.). **Estudos Surdos II**. Rio de Janeiro; Petrópolis: Arara Azul, 2007.

STUDART, D. C. et alii Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. 2005 Em Gouvêa, G. et alii (org.). Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro, Access Editora. p. 129-57.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

WILLIAMS, C. L.; MCLEAN, M. M. Young deaf children's response to picture book reading in a preschool setting. **Research in The Teaching of English**. v. 31, n. 3, p. 337-350, 1997.

WRIGLEY, Owen. The politics of deafness. Washington: Gallaudet University Press, 1996.